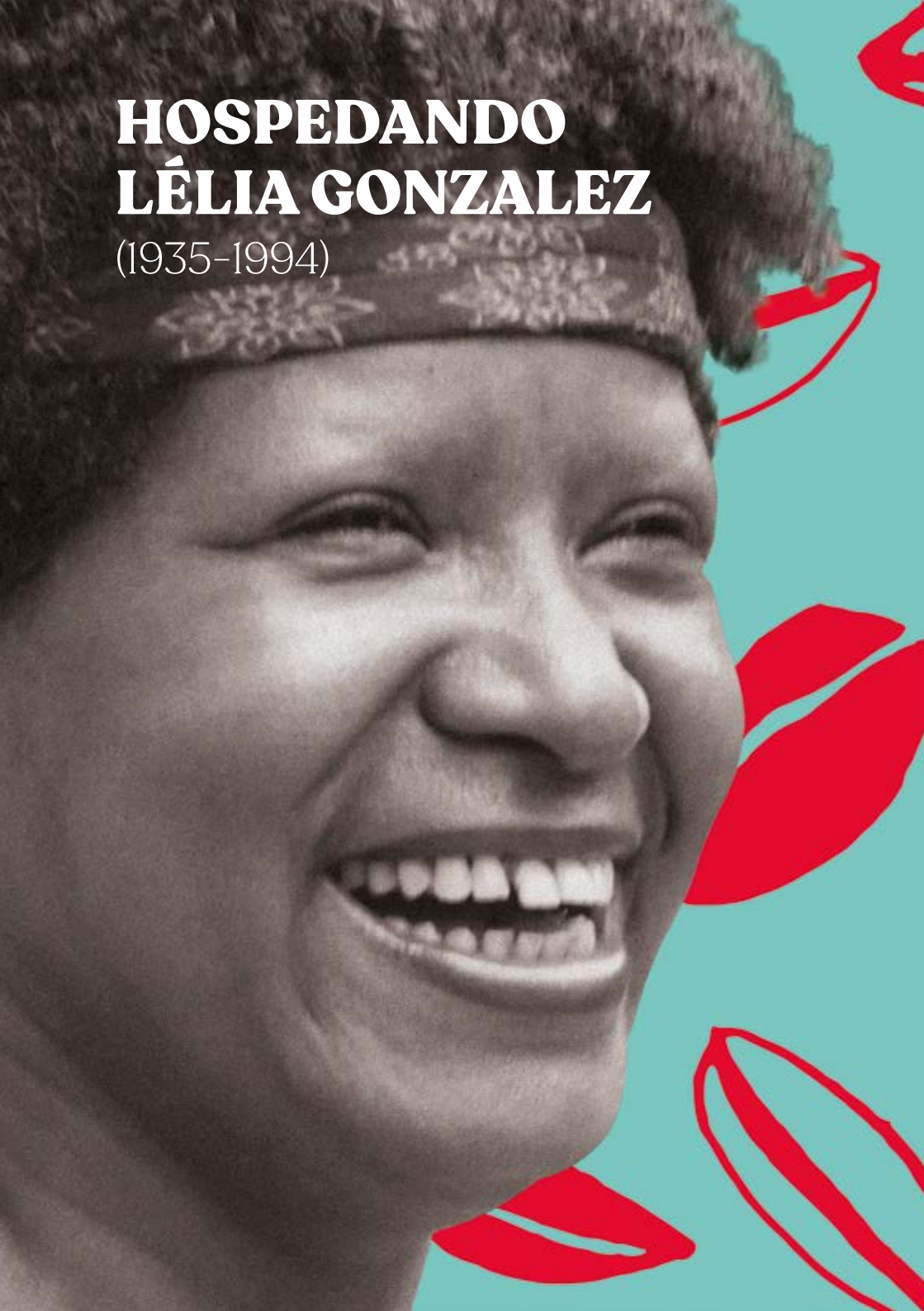


HOSPEDANDO LÉLIA GONZALEZ

(1935-1994)



MINISTÉRIO DA CIDADANIA APRESENTA

HOSPEDANDO LÉLIA GONZALEZ

(1935-1994)

**PROJETO DE PESQUISA DA
BIBLIOTECA | CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO
E PESQUISA DA EAV PARQUE LAGE**

Juliana Machado, Rubia Luiza da Silva,
Tanja Baudoin e Ulisses Carrilho (org.)

Rio de Janeiro, 2019

AMEAV

Lélia Gonzalez

(1935-1994) era antropóloga, professora de cultura brasileira na PUC-Rio, política e defensora dos direitos humanos.

Lélia é um símbolo e referência muito importante para o movimento negro no Brasil, publicou inúmeros artigos e dois livros. Ajudou a fundar instituições como o Movimento Negro Unificado (MNU), o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), o Coletivo de Mulheres Negras N'Zinga e o Olodum.

Ela iniciou o primeiro curso de cultura negra na Escola de Artes Visuais do Parque Lage em 1976.

PERFORMAR O CONHECIMENTO, COMBATER ANTIGOS CONHECIDOS

Ulisses Carrilho

Curador de Ensino e Programa Público
Escola de Artes Visuais do Parque Lage

Dentro do programa Curador Visitante (2015-2016), criado e dirigido pela crítica e curadora Lisette Lagnado, então diretora da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, a Biblioteca | Centro de Documentação e Pesquisa passou a ser programada e pensada como dispositivo pedagógico por uma curadora. Ao mesmo tempo, autônomo e integrado, articulando o acervo bibliográfico desta escola de arte. Beatriz Lemos, idealizadora da plataforma de pesquisa *Lastro – intercâmbios livres em arte*, foi a primeira curadora convidada. Sua presença e experiência na plataforma contribuíram para uma programação da biblioteca. Articulada em rede, com a comunidade artística, a biblioteca reorganizou-se espacialmente para receber aulas públicas e lançamentos de livros. Em seguida, já fora do contexto do programa de exposições da EAV Parque Lage, Ana Luiza Fonseca assumiu a curadoria da biblioteca com forte atenção para a publicação como dispositivo a ser consumido por leitores vorazes, mas também produzido – mais uma plataforma para a criação artística – por artistas igualmente famintos. Grupos de leituras aconteceram (Opinião 17), experimentando dinâmicas de leitura singulares e um percurso de leituras fluido porque desviante. Sua trajetória, marcada particularmente pela articulação da Feira de Arte Impressa Tijuana, pode reorientar a presença dos livros de artista na biblioteca, afirmando o livro como suporte possível para o artista.

Em 2019, convidei Tanja Baudoin, professora da escola, a assumir a curadoria da biblioteca para trabalhar com as bibliotecárias Rubia Luiza e Juliana Machado, que já haviam acompanhado as curadorias anteriores. Reunindo sua formação e a experiência no coletivo If I Can't Dance, I Don't Want To Be Part Of Your Revolution, Tanja foi convidada a pensar os usos dos arquivos. Mais do que perguntas em torno da coleção de 20 mil exemplares da

biblioteca, dialogamos sobre os usos dos conhecimentos ali depositados. Como performamos aquilo que é sabido? Com que inteligência, atenção ou sensibilidade colocamos nossas vozes na esfera pública? Qual a nossa capacidade de escuta em um mundo que convoca certezas frágeis em meio às ruínas cotidianas? Quanto pode uma biblioteca de uma escola livre, voltada à arte contemporânea, com um acervo bibliográfico calcado na modernidade europeia, patriarcal e racista? Como, em última instância, o conceito de escola vem perpetuando uma noção de conhecimento fortemente calcada na violência colonial e na apropriação, material e simbólica, de outras culturas?

Em Queermuseu, Queerescola, Escola Cuir, mostra paralela à Queermuseu, num gesto de combate a partir da curadoria do Núcleo de Ação Educativa, exibimos pela primeira vez os documentos de Lélia Gonzalez em relação à criação do primeiro curso institucional de Cultura Negra no Brasil, em 1976, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Junto de fotos de Alair Gomes, fotógrafo homossexual e ex-professor da escola, e Matheusa Passareli, aluna trans não-binária, assassinada brutalmente em 2018, vítima de transfobia, entre outros trabalhos, Lélia apresentava-se como um modelo insubordinado. Apesar de não estar filosoficamente filiada a um pensamento manifestamente cuir, textos como “Racismo e sexismo na cultura brasileira” são fundamentais para a inversão que precisamos hoje. Urge um rompimento do mundo tal qual o conhecemos, o seu legítimo fim, como firma a artista e autora Jota Mombaça, que nos orienta para uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência.

Intitulado Hospedando, o programa pensado por Tanja institui ideias, temas e figuras do passado da escola que contribuem para a atualidade do pensamento não

apenas de bibliotecas e acervos, mas de instituições de arte a partir de uma hospitalidade radical – o que também evoca o passado doméstico da casa. Contemporaneamente, urge reler Lélia Gonzalez, uma voz singular. Complexa, porque também simples. Ao referir-se à língua portuguesa como pretoguês, Lélia crava a linguagem na corporeidade, na instituição de valores, na ética da relação e da reparação histórica – são muitas as fortunas. Esperamos, com a escrita destes textos, com a exposição destes trabalhos de Aline Besouro, Millena Lízia e Yhuri Cruz e, principalmente, com a reunião destes documentos em torno da participação e contribuição de Lélia González na Escola de Artes Visuais do Parque Lage na gestão do artista Rubens Gerchman, contribuir para a urgente luta antirracista a partir de mais este dispositivo de memória.

BIBLIOTECA DA EAV PARQUE LAGE

A Biblioteca da EAV Parque Lage é especializada em artes visuais com enfoque em arte moderna e contemporânea. O acervo conta com mais de 20 mil títulos, entre obras de referência, livros, catálogos, periódicos, monografias, livros de artistas e mídias digitais. A consulta é local e de livre acesso a alunos, funcionários e visitantes. A Biblioteca ocupa duas salas; uma delas é a antiga banheira do palacete, que virou uma sala para leitura. Há uma varanda com um ambiente agradável para receber lançamentos de livros, rodas de conversas e outros programas. A Biblioteca também funciona como espaço expositivo, integrando trabalhos de arte, cartazes, materiais de acervo e os próprios livros relacionados aos projetos de pesquisa. A equipe é composta por duas bibliotecárias, responsáveis pela catalogação e manutenção do acervo, e uma curadora, que foca nas atividades públicas.

MEMÓRIA LAGE

Memória Lage é o projeto de digitalização e sistematização dos documentos que contam a história da escola. Memória Lage reúne mais de 7 mil documentos da instituição. Além do banco de dados sediado na Biblioteca da EAV, conta com uma plataforma digital que dará acesso público a cartas, cartazes, folders, publicações, filmes, fotografias, artigos de jornais, ficha de alunos e gravuras e pinturas produzidos desde a primeira gestão da instituição (1975-1979) até hoje. Os interessados poderão elaborar diversas pesquisas a partir de um vasto material, condicionado e catalogado.

Acesse o arquivo digital aqui:
www.acervo.memorialage.com.br

HOSPEDANDO

“Hospedando” é um programa de pesquisa da Biblioteca, que semestralmente se concentra em uma pesquisa histórica de um nome ou evento ligado à escola. Cada projeto usa materiais de arquivo do Memória Lage como base de pesquisa, e convida artistas e outros convidados a contribuir com seus trabalhos e ideias. O objetivo é desenvolver conversas sobre questões artísticas e sociais para criar vínculos entre as gerações que passam pela escola.

TRAJETÓRIA “HOSPEDANDO LÉLIA GONZALEZ (1935-1994)”

Foto: Juliana Machado



20

Foto: Rubia Luiza



17

max willà morais, *Servir nada*, performance, programa “Um berro, um sussurro” da Biblioteca da EAV Parque Lage, maio de 2019. Foto: Rubia Luiza



22

MARÇO

PRIMEIRO ENCONTRO
Abertura com Ana Maria Felipe e Raquel Barreto

ABRIL

SEGUNDO ENCONTRO
com Aline Valentim

MAIO

TERCEIRO ENCONTRO
com Aline Besouro, max willà morais, Millena Lízia e Yhuri Cruz

Foto: Rubia Luiza

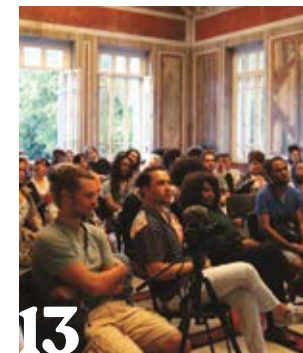


19

JUNHO

QUARTO ENCONTRO
com Georgia Marcinik, Maya Inbar e Obirin Odara

Encerramento do projeto **Hospedando Lélia Gonzalez**, “Lélia Gonzalez – Para não esquecer”, realizado em 13 de julho de 2019 no salão nobre da EAV Parque Lage. Abaixo: **Rubia Luiza da Silva**. Ao lado: **Keyna Eleison, Zezé Motta e Raquel Barreto**. Fotos: Renan Lima



13



JULHO

QUINTO ENCONTRO
“Lélia Gonzalez — para não esquecer”, com Beatriz Vieirah, Elizabeth Viana, Glau Tavares, Keyna Eleison, Raquel Barreto e Zezé Motta.

E com performances e pinturas de Andréa Almeida, Carol Sunshine, Dila Oliveira, Susan Soares e Viviane Laprovita.

2019

	HOSPEDANDO E
21	ATUANDO NA BIBLIOTECA
	Tanja Baudoin
	LÉLIA GONZALEZ, O CORPO
	E A ANCESTRALIDADE NEGRA
	NA ARTE CONTEMPORÂNEA
31	BRASILEIRA
	Raquel Barreto e Roberta Aleixo
46	Aline Besouro
50	Millena Lízia
54	Yhuri Cruz
59	PARA NÃO ESQUECER
	Zezé Motta
65	DOCUMENTOS DO ACERVO
	PAPEL SOCIAL NO
	DESENVOLVIMENTO DE
101	COLEÇÕES NA BIBLIOTECA DA EAV
	Juliana Machado e Rubia Luiza da Silva
	LIVROS DE ARTISTAS
107	E REFERÊNCIAS DE CULTURA NEGRA
115	COLABORADORES

“Em 1976, eu mesma iniciava o primeiro Curso de Cultura no Brasil, na Escola de Artes Visuais (no Parque Lage), justamente no momento em que, graças à nova direção, aquela instituição se renovava. Reunindo artistas e intelectuais progressistas, cuja produção implicava numa visão crítica da realidade brasileira, a EAV tornou-se o maior espaço cultural do Rio de Janeiro naquele período (tanto que sua desativação foi determinada a partir de Brasília no início de 1979 com o afastamento de sua direção).”

Lélia Gonzalez

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982. p. 40. (Coleção 2 Pontos).

CREDI-SEM da VASP — o único sem juros.

ZUMBI

Um dia de festa para a liberdade

Intensa e inusitada programação marca, a partir de amanhã, no Rio e em Niterói, o aniversário da morte (em 1695) de Zumbi — um dos comandantes da república negra de Palmares, em Pernambuco. Logo de manhã, na praia do Leblon, próximo ao canal do Jardim de Alá, vários grupos de comunidades negras do Rio, inclusive os moradores da Cruzada São Sebastião, "aprontam um parangolé" com danças, músicas e poesias.

No Centro de Estudos Brasil-Africa, em São Gonçalo, haverá show, à noite, com os grupos Abolição, Vissungo Aniceto e Folclórico. Na Universidade Federal Fluminense, vários historiadores discutem, a partir de segunda-feira, as contribuições do negro na formação social brasileira e, no Parque Laje, continua o Ciclo Cultura Negra, com shows, uma exposição de artes plásticas e uma mesa redonda sobre "O negro hoje".



De todos os acontecimentos que registram a morte de Zumbi e fixam o dia de amanhã (20 de novembro) como a verdadeira data de libertação dos povos de ascendência africana no Brasil, o Ciclo Cultura Negra, programado pelo Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN) e pela Escola de Artes Visuais do Parque Laje, é, certamente, o mais importante. segunda-feira se encerra a primeira parte da mostra de artistas plásticos negros (exposição de fotografias, pintura, desenho, esculptura e gravura) e começa a segunda parte, que vai até o dia 30.

A programação de shows cobre praticamente o mês todo. Nos dias 12 e 13 se apresentou o grupo Bam-

ba Moleque. Ontem, Dom Filó dirigiu um show de soul music. Na quarta-feira o grupo Abolição e o Jogral do CEBa apresentam cantos e danças afro-brasileiras e poemas de autores negros. Na quinta, outro show: Zezé Motta, Macalé, Sônia Santos, Os Tincões, Paulinho da Viola e outros. O último programa, antes do encerramento, é um espetáculo de dança ritualística, "Louvor à Mãe Terra", com Marko Ribeiro e Edifram. Todos estes shows são no Parque Laje, às 21 horas.

O Ciclo Cultura Negra se encerra dia 30, quarta-feira, com uma mesa-redonda quando se discutirá "o negro hoje". Toda a programação do ciclo foi orientada pela professora Lélia Gonzalez, inclusive a

mesa de debates. Propositamente, explica, foram convidados professores, intelectuais e líderes negros que representam diversas correntes de pensamento. Assim, participou do debate Carlos Alberto Medeiros, pesquisador; Clovis Moura (da USP); Didi e Juana dos Santos, da Bahia; Eduardo de Oliveira e Oliveira, sociólogo de São Paulo; Lea Garcia, atriz; Carlos Antônio da Silva, de Belo Horizonte; José Maria Nunes Pereira (da Cândido Mendes); Nazário Ernesto dos Santos Dias, de Volta Redonda; o sertanista e estudioso Nunes Pereira; Roy Glasgow, professor da UFF; Rubens Gerchman, artista gráfico e diretor da Escola de Artes Visuais; Beatriz Nascimento, historiadora; Rodrigues Alves, pesquisador, e a própria Lélia Gonzalez.

Depois do debate, que começa às 19h30m, será exibido o filme "Africa Mundo Novo", sobre o Festival da Nigéria. Para Lélia Gonzalez, o ciclo é da maior importância para a afirmação da cultura negra. Pela primeira vez, inclusive, é dado um espaço apenas para artistas plásticos negros apresentarem seus trabalhos. O ciclo encerra seu segundo curso sobre Cultura Negra, um curso voltado, exclusivamente, para a recuperação da história dos povos de origem africana no Brasil e a conscientização da população para a importância do negro na nossa sociedade. A partir destes cursos e de palestras que tem dado com bastante frequência, Lélia está acabando um livro didático sobre a história do negro no Brasil e as manifestações racistas que ainda são comuns hoje. Não é um trabalho teórico, explica, para intelectuais, mas para o maior número de negros para que possam se conscientizar.

Outro ciclo, este apenas de debate, começa segunda-feira na UFF e vai até o dia 26. É a III Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira, sempre às 20 horas, na Faculdade de Direito. As palestras serão dadas e debatidas por Carlos Alfredo Hasenbalg, Roy Glasgow, Maria Beatriz Nascimento, Eduardo de Oliveira e Oliveira, José Bonifácio Rodrigues, Michael Turner e Jeanne Berrance de Castro. No último dia, 26, haverá uma mesa-redonda.

Zumbi — um dia de festa para a liberdade.

O Globo, Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1977.

22 x 34 cm. Acervo Memória Lage.

Palmares: a nova data de uma luta antiga

Também a história dos povos africanos no Brasil começa a ser recuperada. Os fatos e os personagens, como outros fatos e outros personagens de nossa história, já não são vistos mais através do prisma defeituoso dos velhos (alguns novos) livros didáticos. Zumbi dos Palmares e toda a história dos quilombos, para onde fugiam os negros escravos, os índios massacrados pelos colonizadores e mesmo os brancos europeus marginalizados pela estrutura escravocrata têm um significado claro e determinante para um grande número de historiadores que estudam o processo de escravidão e libertação dos negros no Brasil: a data de 13 de maio de 1888 vai sendo, aos poucos, esquecida e a abolição formal da escravidão analisada, cada vez mais, de forma crítica. Para estes historiadores, o 20 de novembro de 1695, quando morre Zumbi, assassinado por um companheiro traidor na maior revolta contra o regime de escravidão no Brasil-Colúmbia, marca, mais que qualquer outra data, o Dia da Libertação.

Segundo Lélia Gonzalez, Zumbi significa a liberdade e o direito a um lugar na estrutura social em que se vive, na medida em que ele se situa em termos de construção. Para o historiador Orlando Fernandes, Zumbi, além de conduzir a nação palmarina nos aspectos guerreiros, teve a sabedoria, herdada dos ancestrais africanos, de dirigir seu povo na construção de uma nova sociedade dentro do Brasil, sociedade fundada nos princípios da igualdade, da cooperação, da solidariedade humana.

Os poucos dados históricos que temos indicam que Palmares surgiu no final do século XVI, quando grupos de escravos se revoltam e se refugiam nos matagais ao sul da capitania de Pernambuco. Em 1692 já se tem notícias de expedições portuguesas que tentam acabar com a república negra. Em 1694, Palmares tinha 35 mil habitantes distribuídos por 11 povoados, que viviam da policultura (ao contrário dos portugueses e holandeses, que mantinham a monocultura do açúcar para atender ao mercado internacional) e da metalurgia do ferro, manufaturando suas enxadas, foices, facões e flechas. A morte de Zumbi, em 1695, marca, ao mesmo tempo, o fim de Palmares e o começo da libertação dos escravos.



Lélia Gonzalez: o 13 de maio em seu devido lugar

HOSPEDANDO E ATUANDO NA BIBLIOTECA

Tanja Baudoin

Este livreto apresenta um projeto de pesquisa sobre uma professora da escola nos anos 1970, Lélia Gonzalez (1935-1994). Por meio de documentos e fotos, trabalhos de arte e textos, esta publicação mapeia o seu tempo na EAV Parque Lage e as reverberações de seu legado na atualidade.

Em 1976, Lélia Gonzalez iniciou o primeiro curso institucional de cultura negra do Brasil na EAV Parque Lage. O curso teve como foco a presença de artistas negros na arte brasileira e na cultura popular, trazendo questões de linguagem, religião, identidade e exclusão.

Lélia Gonzalez fez parte da equipe da EAV entre 1976 e 1979, os primeiros anos da escola na época da ditadura civil-militar. Nesse momento, o artista Rubens Gerchman, que criou a escola em 1975, estava desenvolvendo um programa experimental com abordagem transdisciplinar. Lélia veio do mundo acadêmico, mas na EAV conseguiu explorar suas pesquisas sobre arte afro-brasileira e cultura popular de maneira aplicada também. Além do curso, ela organizou várias atividades e eventos para o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra. A escola forneceu a ela uma plataforma para promover seu pensamento e compartilhá-lo com outras pessoas em um ambiente educacional e artístico.

O projeto de pesquisa “Hospedando Lélia Gonzalez”, alojado na Biblioteca durante o primeiro semestre de 2019, visou dar atenção

a esta figura. A pesquisa particularmente se focou nas suas realizações na escola, com ajuda dos pesquisadores e pessoas que conviveram com ela. Uma iniciativa das bibliotecárias Juliana Machado e Rubia Luiza envolveu a criação de uma estante com novos livros sobre artistas negras, com foco nas mulheres e questões raciais teóricas. O projeto incluiu uma exposição com materiais de acervo e contribuições dos artistas Aline Besouro, Millena Lízia e Yhuri Cruz. Uma foto por Januário Garcia serviu como capa do projeto, junto com os desenhos de Aline Besouro.

No espírito de Gonzalez, o “Hospedando Lélia Gonzalez” foi criado como um projeto de pesquisa que reuniu elementos discursivos, como leituras, discussões e histórias, com contribuições visuais, dança afro-brasileira e performance. Cinco encontros públicos de março até julho de 2019 exploraram diferentes facetas do legado de Gonzalez. O primeiro encontro e abertura do projeto contou com falas de Ana Maria Felipe, filósofa e amiga de Gonzalez, e Raquel Barreto, historiadora que acompanhou o projeto inteiro, participou da curadoria do último encontro com a equipe da Biblioteca e fez contribuições inestimáveis.

O segundo encontro com a dançarina Aline Valentim combinou uma abordagem discursiva e corpórea, com uma discussão coletiva de um dos textos mais conhecidos de Gonzalez, “Racismo e sexismo na cultura

brasileira” (1980), e uma breve introdução à dança afro-brasileira. O terceiro encontro foi com os artistas da exposição, Aline Besouro, Millena Lízia e Yhuri Cruz. O quarto encontro foi dedicado à branquitude – termo referente ao sistema hegemônico racial que coloca o indivíduo branco e sua identidade racial em uma posição privilegiada, perpetuando discriminação, racismo e desigualdades sociais e de oportunidades. A vontade de fazer essa roda surgiu dos encontros anteriores, da escuta dos convidados e do público negro falando sobre suas experiências, e do reconhecimento de que questões de raça precisam ser direcionadas também para as pessoas brancas que costumam frequentar a escola.

O encontro final ocorreu alguns dias depois do 25º aniversário do falecimento de Gonzalez e reuniu pessoas que a conheciam pessoalmente e uma geração jovem que está sendo influenciada por seu pensamento. Comemorou-se com uma mesa de debate com a atriz Zezé Motta, que foi aluna de Gonzalez na EAV, Keyna Eleison (professora do EAV Parque Lage e curadora) e Raquel Barreto (historiadora), entre outras contribuições de artistas.

Durante esse período inteiro, os trabalhos dos três artistas residiam no espaço da biblioteca cercado pelos materiais do acervo. Aline Besouro fez um zine e uma série de desenhos que ocupavam a sala de leitura, apresentando o contorno de uma mulher e outras figuras como livros, palavras, mãos e sementes que

se tornaram o principal motivo para os anúncios dos encontros públicos. Essas sementes, que ao mesmo tempo podem ser conchas, bocas e vaginas, ecoaram de repente em um pôster encontrado no acervo de Gonzalez que anuncia a primeira conferência de mulheres negras no estado do Rio de Janeiro em 1988. Lélia Gonzalez, através de seu trabalho e seu legado, não está diretamente representada nos desenhos de Besouro, mas guiou o artista para um espaço afetivo de criação. Esse foi um trabalho especialmente encomendado, que considerou a maneira de desenhar de Besouro, com as linhas fluidas que podem facilmente viajar do papel para outros lugares.

Na obra da Millena Lízia, *Deslizando uma economia erótica colonial*, as palavras “desejo” e “dejetos” apareceram juntas na parede da biblioteca, uma como a sombra espectral da outra. Embora graficamente similares, elas se referem a afetos que são antônimos: o sentimento de querer estar perto; e a necessidade de expulsar. Podemos perceber como esses afetos estão interligados quando pensamos em sua associação histórica com corpos específicos, como Lélia Gonzalez deixou muito claro em sua análise do corpo feminino negro como local de projeções complexas. O trabalho dialoga com trabalhos e pesquisas anteriores de Lízia, que exploram as realidades performáticas afetivas que ocorrem entre os corpos, o impulso de apagar certos traços do passado e a necessidade de reimaginá-los e reinscrevê-los, com todos os riscos que isso envolve.

Dois cartazes de Yhuri Cruz reformularam uma peça que ele criou durante 2018, enquanto ele era aluno da EAV no Programa de Formação e Deformação. Seu conjunto de obras criticou diretamente o racismo institucional dentro da escola. Isso envolveu uma pesquisa no acervo do Memória Lage para criar estatísticas baseadas na presença de negros ativos na escola durante os últimos cinco anos, número que é muito baixo, o que é chocante, mas não surpreendente. Convidar Cruz para retomar este trabalho como parte de “Hospedando Lélia Gonzalez” foi uma tentativa de abrir o projeto para a crítica e declarar que os artistas negros já haviam apontado essa crítica para a escola, sabendo que o projeto do “Hospedando” em si não poderia compensar ou reparar essa questão, que requer atenção profunda e mudanças contínuas no nível diário de interações.

Este livreto envolve registros dos trabalhos desses três artistas, e várias imagens e documentos do acervo da EAV e de Lélia Gonzalez. Inclui também as vozes de amigas que conheceram Gonzalez, como Zezé Motta, Elizabeth Viana, Ana Maria Felipe e Fabiana Santos, e a voz da própria Gonzalez. As pesquisadoras Raquel Barreto e Roberta Aleixo contribuíram com um texto que foca na questão de como o legado de Gonzalez está vivo nas práticas dos artistas contemporâneos. Um texto das bibliotecárias Juliana Machado e Rubia Luiza explica o esforço delas de trazer mais livros sobre artistas negras e cultura afro-brasileira

para a Biblioteca. Uma bibliografia lista esses livros.

A EAV Parque Lage é uma escola livre, que visa ser receptiva a todos os povos sem discriminação. Este projeto não pode resgatar a escola de suas responsabilidades contínuas, nem compensar a falta de negros em seu meio no passado e no presente. É uma tentativa de criar espaços em que essa questão possa ser enfrentada e onde alguns passos em direção à mudança possam ser dados. Esperamos que o legado de Lélia Gonzalez permaneça vivo e ativo, dentro da escola e fora de seus muros. Gostaríamos de agradecer todas e todos que contribuíram com o projeto, os artistas, convidados, autores e colegas. Agradecemos Rubens Rufino e Redeh (Rede de Desenvolvimento Humano) pelo apoio. Finalmente, quero agradecer minhas colegas Juliana e Rubia, que criaram o programa dos encontros públicos comigo, me ensinaram muito durante a trajetória do projeto sobre a questão do racismo no Brasil e na vida cotidiana, e sobre trabalhar em equipe.

“O privilégio racial é uma característica marcante da sociedade brasileira, uma vez que o grupo branco é o grande beneficiário da exploração, especialmente da população negra. E não estamos nos referindo apenas ao capitalismo branco, mas também aos brancos sem propriedade dos meios de produção que recebem os seus advenços do racismo.”

Lélia Gonzalez

GONZALEZ, Lélia. **A juventude negra brasileira e a questão do desemprego**. Resumo apresentado na Segunda Conferência Anual da African Heritage Studies Association, 26-29 abr. 1979.

**LÉLIA GONZALEZ,
O CORPO E A
ANCESTRALIDADE NEGRA
NA ARTE CONTEMPORÂNEA
BRASILEIRA**

Raquel Barreto
e Roberta Aleixo

LÉLIA GONZALEZ, ANCESTRAL

Na perspectiva dos povos iorubás, que nos civilizaram, marcando aspectos fundamentais da nossa formação cultural, os instantes não seguem a tradição ocidental em que as temporalidades estão condicionadas a espaços fixos e lineares: passado, presente e futuro, em uma estrutura evolutiva. O tempo é pensado a partir de espirais, fluxos contínuos, no sentido da encruzilhada, como define a teórica Leda Maria Martins, “operada de linguagens e discursos, geratriz de produção sógnica, diversificada e, portanto, de sentidos plurais”.¹

Lélia Almeida Gonzalez, nossa ancestral, é uma das bases para o desenvolvimento da consciência racial e de gênero no interior da comunidade negra. Seu legado teórico e político e suas contribuições são inúmeras, e ecoam constantemente no desenvolvimento de uma epistemologia negra decolonial brasileira, no pioneirismo na elaboração de teoria do feminismo negro, nas lutas antirracistas contemporâneas e na disputa de uma narrativa interpretativa sobre a formação cultural brasileira.²

A força de seu pensamento desconstrói a perspectiva ocidental de tempo, costurando a história e a memória ancestral enraizada em corpos e subjetividades negras. Sua contribuição pode ser observada na produção contemporânea artística, literária, acadêmica, cultural e política de mulheres e homens negros. Enfatizaremos aqui as influências na poética do trabalho de algumas artistas contemporâneas.

[1] MARTINS, Leda Maria. **Corpo, lugar da memória**. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Brasil afro-brasileiro*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p.65.

[2] Para um maior aprofundamento, conferir: BARRETO, Raquel. **Lélia Gonzalez, uma intérprete do Brasil**. In: *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez, em primeira pessoa*. São Paulo: UCPA, 2018.

Foi por conta de sua atuação e circulação em lugares como universidades, escolas de samba e partidos políticos que Lélia provocou mudanças na formulação de um pensamento negro brasileiro. A intelectual que não atuou apenas nos espaços acadêmicos, mas que procurou levar sua teoria tanto para a política dos movimentos sociais como para a disputa política institucional, concorrendo a cargos legislativos em duas ocasiões.

O projeto de pesquisa “Hospedando Lélia Gonzalez” na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, a EAV, foi a oportunidade de recuperar sua passagem como professora no período inicial da escola, entre 1976 e 1978. O projeto contou com exposições, debates, mesas e discussões sobre o pensamento e a contribuição da intelectual.

Em sua fundação, a EAV tinha como proposta tornar-se um espaço de experimentação artística, onde se desenvolviam novos procedimentos estéticos, adotando uma concepção transdisciplinar, que incluía não só a pintura, mas também o teatro, a literatura, a fotografia, a dança e o cinema. Nessa perspectiva de pluralidade, Lélia ministrou “A cultura negra no Brasil”, o primeiro curso institucional sobre o tema no país. No mesmo período, ela promoveu na EAV ocupações, debates e atividades em comemoração ao mês da consciência negra, novembro, em conjunto com a programação que acontecia na cidade, organizada pelo movimento negro.

A edição do jornal *O Globo* do dia 18 de agosto de 1976 publicou a matéria “Curso de cultura negra: a integração através dos valores afro-brasileiros”, veiculada no mesmo dia que iniciavam as aulas.

A matéria abordava a trajetória da professora e as questões que se desenvolveriam nas classes. No texto, Lélia afirma que “considera importante levar aos outros negros o mesmo sentimento que agora experimenta, integrada na sua cor”. Essa é uma das razões que a levaram a fazer o curso do Parque Lage. Ela complementa: “Em 1976, o negro brasileiro, como grupo ético e cultural, começa a ter consciência de si; começa a procurar se posicionar dentro de nossa realidade.”³

O curso tinha como objetivo pensar o lugar do negro na cultura brasileira, convidando as pessoas negras para que assumissem o lugar de protagonista na formação da cultura nacional: “A proposição do curso sobre culturas negras no Brasil realizado no Parque Lage visa desenvolver um trabalho de reflexão crítica que possibilite a designação do lugar do negro na cultura brasileira. E, ao tentar apontar para tal lugar, ele pretende também trazer a sua contribuição no sentido de que o próprio negro se situe e assuma a si e a seus antepassados enquanto presença marcante na nossa realidade cultural.”⁴

A perspectiva da autora era também pensar na especificidade de uma cultura negra brasileira que se distanciava da importação da cultura negra estadunidense, em voga naquela época com a popularização entre nós da *Soul Music*, dos bailes e da estética do movimento *Black Power*. “Atualmente, o negro brasileiro decidiu sair da cozinha e se descobrir gente. Mas, em diversos casos, está havendo uma busca de valores através da importação de uma cultura americana.”⁵

[3] Cabe mencionar que a forma como o debate sobre integração racial é proposto por Lélia, evidenciado no título da matéria, é contrária à lógica recorrente da integração, que pressupõe a integração negra no mundo dos brancos. O que ela propôs, e desenvolveu ao longo de sua produção, foi o inverso, ou seja, foram os/as brancos/as que se integraram na cultura negra, ainda que o neguem, ou melhor, recalquem essa questão. Por outro lado, esse processo não extinguiu o racismo das relações sociais brasileiras.

[4] GONZALEZ, Lélia. **A presença negra na cultura brasileira**. In: *Jornal Mensal de Artes, Galeria de Arte Moderna*, n. 37, mar. 1977. p. 7.

[5] *O Globo*, 18 ago. 1976.

A proposição de Lélia era bastante original para o período, contrariando a assertiva de que os africanos que aqui chegaram eram apenas mercadorias, desumanizados; a autora evidencia seu papel fundamental na formação social. O lugar que o corpo negro ocupou, e ocupa, no imaginário ocidental foi determinado pelo “contato” estabelecido, no século XVI, durante o tráfico atlântico, que objetificou e transformou corpos humanos em mercadoria. De acordo com a socióloga Patricia Hill Collins: “A objetificação é fundamental para esse processo de diferenças formadas por oposição. No pensamento binário, um elemento é objetificado como ‘Outro’, e é visto como um objeto a ser manipulado e controlado.”⁶

Há, no entanto, outras histórias possíveis de narrar sobre corpos negros, que não se encerram nas privações, mas evidenciam protagonismo. As/os africanas/os trazidas/os ao Novo Mundo possuíam cosmovisões e culturas que não se pautavam nas dicotomias entre corpo (objeto) vs razão (sujeito), fundamento da lógica ocidental-cristã, que considerava o corpo um problema. As civilizações africanas que aqui chegaram pressupunham uma inteligência corporal em seus movimentos e memórias. O que se pode observar nas religiões de matriz africana, organizadas por uma lógica simbólica alimentada por vias do corpo e do território, em conexão com a natureza, onde o corpo é um altar para as divindades habitarem.

[6] COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**. São Paulo: Boitempo, 2019.

AS/OS ARTISTAS

A partir da interseção entre ancestralidade, alteridade, tempo e espaço, é possível analisar o trabalho de cinco artistas que apresentam em suas obras elementos que transitam por esses lugares. Tratam-se de buscas e afirmações, encontros e provocações, que se desdobram nas produções de Yhuri Cruz, Millena Lízia, Raphael Cruz, Mulambö e Aline Besouro.

O corpo, morada grafada de uma ancestralidade, possuidor de conhecimento e memória, é elemento fundamental e base para os trabalhos desenvolvidos por Yhuri Cruz e Raphael Cruz. Ao contrapor o entendimento de corpo composto de partes, físico, possuidor de finitude e dualidade, matéria e espírito, o corpo-corpo (possuidor de sentidos tangíveis), os artistas transgridem essas perspectivas que embasaram durante muito tempo o pensamento europeu e contribuíram



Aline Besouro, *Boca semente*, série de cinco cartazes, 2019. 30 x 42 cm.



Millena Lízia, *Deslizes de uma economia erótica colonial*, 2019. Experiência epidérmica sobre parede de alvenaria da Biblioteca da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Corpo, grafite e estêncil em papel paraná. 60 x 130 cm. Foto: Renan Lima



Raphael Cruz, *Nono filho de Oya*, técnica mista, 2018. Foto: Raphael Cruz



Yhuri Cruz, *Exposição-cena Pretofagia*, Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, 2019. Foto: Pedro G. Linger



Mulambö, *Não tem museu no mundo como a casa da nossa vó*, 2019. Foto: Daniela Paioliello

para o brasileiro. Em suas produções, é possível observar que esses espaços habitados por tantas questões ultrapassam a forma e a materialidade visível, tecendo outras construções, saberes e existir. O corpo é território de ancestralidade.

Como mencionou a historiadora Beatriz Nascimento: “É preciso a imagem para recuperar a identidade.”⁷ Os encontros espelhados entre Eu e o Outro são a possibilidade de tornar-se e reconhecer-se. O artista Yhuri Cruz realiza, em sua série de trabalhos *Pretofagia* (2019), uma forma distinta de se relacionar com o outro, que não é devorando-o, em um processo de estranhamento daquilo que é externo, porém, enxergando-se e reconhecendo-se. O que seu trabalho propõe é problematizar o olhar do outro para o corpo negro numa perspectiva antropofágica do movimento. Essa etapa específica do Modernismo⁸ — a Antropofagia⁹ — caracterizou-se pelo processo de apreender o outro, alimentar-se dele, absorver suas energias, devorá-lo, comê-lo, produzindo uma síntese amalgamada, digerida em um corpo diferente.

[7] NASCIMENTO, Beatriz. *Quilombola e intelectual. Possibilidades nos dias da destruição*. São Paulo: Ed. Filhos da África/UCPA, 2018. p. 330.

[8] O Modernismo brasileiro foi um movimento heterogêneo, marcado por diferentes fases. Os artistas que atuaram no período tinham formação, localidades e origens sociais distintas.

[9] Os modernistas apontavam a necessidade de conhecer as produções artísticas e culturais europeias, sem, no entanto, hierarquizar. Ao mesmo tempo, reconheciam as bases formativas nacionais — os indígenas e os sertanejos —, exibindo as questões peculiares do país, desde a cor local até as manifestações populares.

Pretofagia foi também uma ocupação espacial que o artista realizou com pessoas negras no Centro Cultural Hélio Oiticica em 2019, os corpos negros que transitam pelo espaço e que, por vezes, se chocam, estabelecendo, assim, esse encontro de reconhecimento, de multiplicação. Não estamos diante de solidariedade ou algum tipo de reciprocidade; os corpos ou corpos negros, como chama o artista, se reconhecem e se unem a esse outro que é, ao mesmo tempo, ele mesmo. Nesse momento, não são apenas aqueles/as corpos/as, porém outros/as corpos/as negros/as que florescem desse reconhecimento. Para o psicanalista Jacques Lacan, o momento da unicidade, do reconhecimento do eu no outro diante do espelho, é uma etapa como a fragmentação.¹⁰ E assim são os corpos negros numa estrutura racial e política, fragmentados e impossibilitados da visualização do eu no outro, não havendo reconhecimento. Para se perceber estilhaçado, sem a imagem projetada, é necessário compreender-se uno. A percepção dessas etapas que desafiam a ordem é observada por Beatriz Nascimento: “A invisibilidade está na raiz da perda da identidade; então eu conto minha experiência.”¹¹

As linhas são possibilidades de movimento ou de significados que podem aparecer no corpo como distinção étnica, podem ser imaginárias, estabelecendo territórios. A linha para os iorubás é “dotada de significados amplos, coletivos”.¹² No trabalho *Nono filho de Oyá* (2018), Raphael Cruz usa as mesmas linhas ancestrais, múltiplas, se estendendo por diversos suportes, entre eles o corpo, território vivo, morada de pulsões, desejos,

[10] QUINET, Antonio. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2012.

[11] NASCIMENTO, Beatriz. **Quilombola e intelectual. Possibilidades nos dias da destruição**. São Paulo: Ed. Filhos da África/UCPA, 2018. p. 330.

[12] CONDURU, Roberto. **Pérolas negras – primeiros fios: experiências artísticas e culturais nos fluxos entre África e Brasil**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 103.

memórias. São linhas que se repetem, criam espaços, formas, movimento. Cruz amplia as possibilidades do entendimento de corpo, território e ancestralidade em suas pinceladas grossas, fragmentadas, de linhas que se fazem traços. As repetições gráficas seguem e criam formas potencializando pintura e suporte. Quando Raphael pinta corpos, ele nos fala de amor. Amor ao corpo enquanto forma, enquanto cor, enquanto vida.

Aline Besouro, em *Boca semente* (2019), cria possibilidades semânticas a partir da fonética e da forma presente no trabalho. A artista explora as compreensões, cria um jogo a partir dos desenhos que são sementes, bocas, vaginas, búzios, olhos. A boca [se] mente, nos engana nos dizeres, nas suas formas, é um trocadilho. Ela se transforma para nos fazer ressignificar coisas e espaços, pode ser o invólucro que garante a existência. É o feminino que não somente carrega a vida, mas vê os tempos e além deles, é por onde saem os sons e as palavras, por onde surge a vida, é a escuta, é o sagrado. O jogo de muitos sentidos se conecta com a sacralidade do feminino e da adivinhação presente nos búzios lançados à espera de uma resposta do oráculo, mas é também uma experimentação de todo significado que aquela forma pode conter em bocas, olhos, semente, vaginas. É o feminino presente naquilo que se apresenta em forma de adivinhação. Na cultura iorubá, *Orunmila* é senhor da adivinhação, do conhecimento entre passado, presente e futuro, senhor que transita entre os dois mundos — o *Orun* e o *Ayê* —, o céu e a terra, é a presença existente na determinação do destino, por isso

o conhece. Essa forma se estende a búzios lançados à espera de uma resposta do Oráculo, mas também uma experimentação de todo significado que aquela forma múltipla de sentidos pode conter. Quando as bocas e sementes estão naquele espaço de colorido vibrante, são formas que saltam como em um tabuleiro à espera da leitura de seu significado, do semeio para início da vida ou do consumo para alimento do corpo. E qual é o seu sentindo? Não se espera a adivinhação daquilo que ocorrerá num futuro breve ou distante ou no instante do presente ou nas questões do pretérito, é a percepção de possibilidade e ambiguidades da forma. É o feminino transmutado em objeto daquilo que sabe ou saberá, é a boca que fala, conta e anuncia, é a vagina que pare, sente, a semente que germina. O jogo está lançado, basta saber ler. É conferido a qualquer um a possibilidade de leitura das probabilidades realizadas a partir da cor e da forma, das linhas de um vermelho forte e intenso apoiadas em um azul marcante. Aline concede a todas e todos a capacidade de ler, de adivinhar.

A mensagem é um tropeço, não se anuncia, não se coloca visível na altura dos olhos. Às vezes nos esquecemos ou nem percebemos a sua presença. *Não tem museu no mundo como a casa da nossa vó* (2019). A obra do artista carioca Mulambö, feita com algumas palavras adesivadas no chão, é lembrança e esquecimento. Uma frase estendida, distante da altura dos nossos olhos, é o tropeço na lembrança.

Não é apenas sobre o tempo, passado e presente, mas é também sobre a realidade. Voltar e rememorar é estar em outro lugar, em outro tempo e em outra realidade, colocando-se fora daquela realidade imediata. Walter Benjamin, ao falar de Proust, entende a lembrança como sendo capaz de enfrentar o envelhecimento, “se manifesta com clareza na reminiscência (internamente) e no envelhecimento (externamente)”.¹³ A frase nos transporta para outro lugar, que valoriza o que está presente na nossa lembrança, em outro instante que é particular. É a busca de algo que pode não estar acessível de maneira imediata, mas que está lá. É a afirmação de que aquilo que há de referência de passado se faz presente na ancestralidade.

Os artistas e as artistas vão buscando e afirmando suas ancestralidades, questionando as construções históricas e imaginadas em distintos suportes e de diversas maneiras. Millena Lízia, com as palavras DEJETO-DESEJO em *Deslizes de uma economia erótica e colonial* (2019), tensiona as possibilidades de significados e significantes. As palavras que por vezes nos confundem em sons e na forma estão alocadas na parede sem trato, sem suporte, sem moldura. Numa intervenção direta, contrastante de branco e preto, de sentimentos e sensações que enganam olhos, boca, ouvidos. Capazes de ocupar, por um deslize, o mesmo corpo, a mesma forma com sentidos distintos. Os sentimentos nos saltam aos olhos como reflexos antagônicos de compreensão e cor que não se separam,

[13] BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica.** In: *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e arte. Obras escolhidas.* Vol. I, 1986.

caminham juntos. O que o desejo reflete não é a aspiração, a expectativa, mas sim a repulsa daquilo que é posto para fora. É expurgar aquilo que se busca, é querer fora de si. DEJETO-DESEJO é o conflito linguístico, existencial, histórico, de uma sociedade herdeira das práticas coloniais. O trabalho de Millena dialoga com as questões propostas por Lélia em seu texto clássico “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, em que discute como operam os processos de denegação racial no imaginário social.

“Como todo mito, o da democracia racial oculta algo além daquilo que mostra. Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra. Pois o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica. É por aí que a culpabilidade engendrada pelo seu endeusamento se exerce com fortes cargas de agressividade.”¹⁴

O corpo negro é o território que possibilita o reconhecimento, é espaço que ultrapassa os limites da forma, da representação, subvertendo o entendimento ocidental que o definiu, por muito tempo, como uma máquina de trabalho, desprovido de alma ou de sentir. Segundo a teórica Leda Maria Martins, o corpo negro é espaço de registro, de memória e de conhecimento que manteve nesse território de sensações a possibilidade de reconhecimento para nos tornarmos únicos diante da imagem do outro. A unicidade de

[14] GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** In: *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez, em primeira pessoa*. São Paulo: UCPA, 2018. p.196.

[15] BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica.** In: *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e arte*. Obras escolhidas. Vol. I, 1986.

um se faz na visualização desses dois corpos que se deparam e do espelhamento que estabelece as questões de uma identificação possibilitando a construção da identidade.

A vida torna-se incessante quando pensada numa ortogonalidade de encontros temporais, passado e presente; esses instantes se entrecruzam, tornando o pretérito presente. O tempo histórico localiza os instantes em espaços específicos, diferentemente dos tempos que se atravessam. O passado que cruza o presente, mas também o repercute, como diz Walter Benjamin, “o passado se reflete no instante”.¹⁵ O tempo como ancestralidade é alimento para aquilo que fazemos ou desejamos realizar. Ele não se desconecta do que nos arrebatava no momento do olhar vivo que apreende o instante imediato. Por ele não estar congelado num espaço, por ele se fazer atuante nos momentos do agora, ele não se encerra e é contínuo. É transformador, nos constitui enquanto sujeitos!

“Penso que muito do legado de Lélia ainda pode ser encontrado na cabeça de pessoas que conviveram com ela e que ainda estão aqui, no planeta, conosco. Pessoalmente sinto falta de uma página na internet; um ‘lugar’, ‘locus’ (diria Lélia), onde as pessoas pudessem encontrar com ela: com suas escritas, com sua voz; seu movimento e falação; que abrigasse as produções de textos, teses e livros sobre Lélia ou inspirados em Lélia; onde todos se encontrassem, de alguma forma, com Lélia, em um espaço que, acredito, Lélia chamaria de ‘Aldeia’.”

Ana Maria Felipe

Aline Besouro



Boca semente
Série de cinco cartazes, 2019.
30 x 42 cm.



Confia
Zine, 2019. 15 x 21 cm,
16 páginas. Fotos: Renan Lima



“Lélia, como educadora, professora, reconhece e agradece a ‘solidariedade e colaboração’ dos amigos, colegas e alunos da EAV, bem como dos irmãos e companheiros de militância. Sua militância, seus estudos e pesquisas permitiram-lhe fazer uma imersão na história e na cultura do ‘povo negro’, das quais se distanciara pelo processo racista de embranquecimento. No atual momento em que vivemos, é bom destacar — para não esquecer — o compromisso de Lélia e da EAV Parque Lage com a educação, a cultura e a liberdade em nosso país. Ao longo das décadas seguintes, podemos acompanhar como essa perspectiva política alcançaria novo patamar nas relações raciais no Brasil, e a EAV e sua direção foram também protagonistas da História.”

Elizabeth Viana

Millena Lízia



DESEJO
DEJEITO

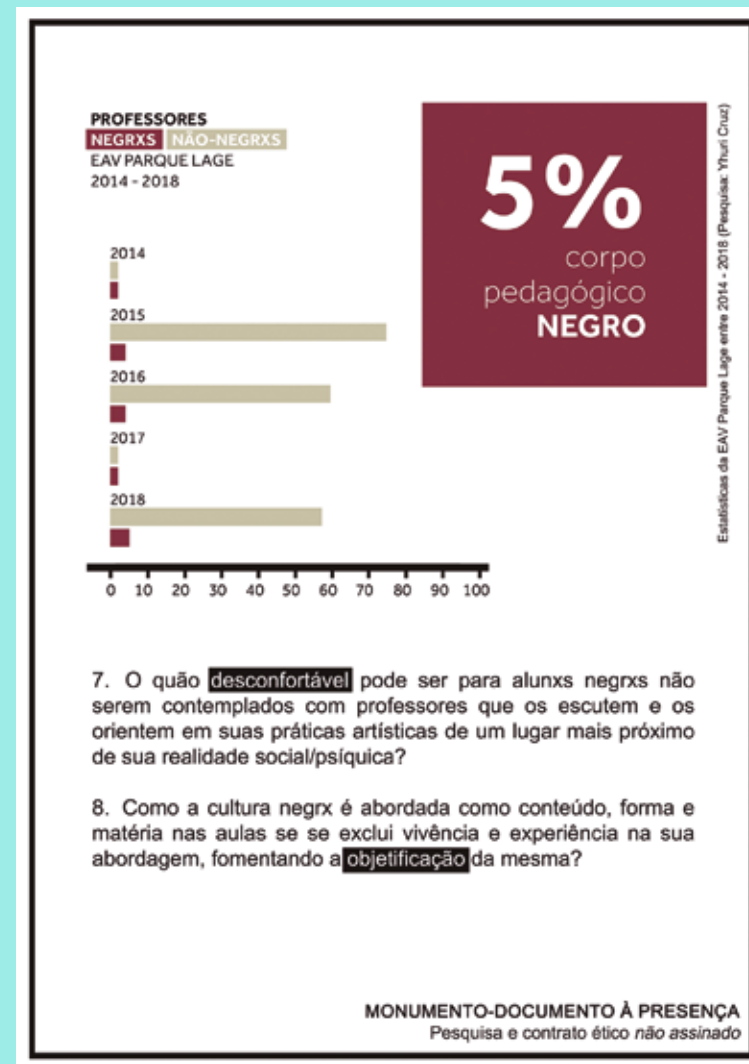
Deslizes de uma economia erótica colonial
Experiência epidérmica sobre parede
de alvenaria da Biblioteca da Escola
de Artes Visuais do Parque Lage, 2019.
Corpo, grafite e estêncil em papel paraná.
60 x 130 cm. Foto: Renan Lima



Sem título - traço epidérmico
Experiência epidérmica sobre parede
de alvenaria da Caixa Preta (RJ), 2018.
Pele sobre grafite e contra a arquitetura.
6 x 100 m.
Foto: Vinícius Monte

“Até aquele momento, para mim, a presença do negro era algo indiferenciado. Principalmente, passei a problematizar todas as representações e referências ao ‘negro’, a observar o cotidiano e o tratamento que os brancos davam às pessoas negras, e a refletir sobre as relações de classe, cor da pele, origem social e suas implicações na violência do Estado. Percebi como reproduzimos inconscientemente padrões sociais de fala, comportamentos, naturalizações de lugares. A questão, para mim, virou militância diária. Seu curso me despertou para as sutilezas do racismo, aguçou minha crítica. Hoje, no Brasil, é ainda mais importante honrar e praticar o legado de Lélia.”

Fabiana Santos



“A mulher negra anônima,
sustentáculo econômico,
afetivo e moral de sua família e
quem, a nosso ver, desempenha
o papel mais importante.
Exatamente porque, com sua
força e corajosa capacidade
de luta pela sobrevivência,
transmite a nós, suas irmãs
mais afortunadas, o ímpeto de
não nos recusarmos à luta pelo
nosso povo.”

Lélia Gonzalez

GONZALEZ, Lélia. **A mulher negra na sociedade brasileira.**

In: LUZ, Madel (Org.). *Lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual.* Rio de Janeiro: Graal Editora, 1981.

PARA NÃO ESQUECER

Zezé Motta

**DEPOIMENTO DE ZEZÉ MOTTA
NO ENCERRAMENTO DO
PROJETO HOSPEDANDO LÉLIA
GONZALEZ, “LÉLIA GONZALEZ
— PARA NÃO ESQUECER”,
REALIZADO EM 13 DE JULHO
DE 2019 NO SALÃO NOBRE
DA EAV PARQUE LAGE.**

A minha fala é em forma de depoimento sobre a minha relação com Lélia Gonzalez e a importância de Lélia Gonzalez para todos nós, para o Brasil, para os movimentos negros, para a sociedade, para a cultura e, em particular, na minha vida.

Eu fiz *Xica da Silva* (1976), viajei pelo mundo, divulgando o filme. [...] Quando voltei, começaram a fazer muitas entrevistas e muitas perguntas sobre a questão racial no Brasil, como eu me sentia, como foi fazer o papel, se foi confortável, se eu concordava com o tratamento que foi dado, porque aquela versão do Cacá Diegues explora muito a sensualidade etc... Eu percebi que minha responsabilidade tinha aumentado e falei: “Gente, eu tenho que me informar, porque as coisas passam todas na mídia,

com esse desconforto, com essa coisa me incomodando...”

A primeira ideia que eu tive foi criar um sindicato para as empregadas domésticas, que não havia nos anos 70, depois eu mudei de ideia.

Aí aconteceu o milagre. Lendo o jornal, vejo o anúncio: “Curso de cultura negra no Parque Lage, com a professora Lélia Gonzalez.”

Ah, que alívio. Vim para cá, e Lélia foi responsável por todos os segmentos da minha vida.

Eu vim fazer o curso, e Lélia, na aula inaugural, falou o seguinte:

“Eu sei porque vocês estão aqui.”

Não éramos só negros, não, tinha intelectuais brancos, tinha estudantes, jovens, gente mais velha... “Eu sei porque vocês estão aqui, mas não temos mais tempo para lamúrias. Temos que arregaçar as mangas e fazer alguma coisa.”

Foi através da Lélia que eu descobri que eu não prestigiava, por exemplo, o IPCN, que é um movimento importante. Foi através da Lélia que eu percebi que a gente tinha de fazer alguma coisa, e não ficar esperando que fizessem alguma coisa pra nós. Como a nossa Raquel [Barreto] falou, Lélia era realmente uma visionária e

responsável por muitas coisas que aconteceram até *depois* que ela se despediu. A Lei nº 10.639, por exemplo, tenho certeza de que era um sonho da Lélia. Eu entendi muito também o que estava acontecendo quando ela publicou o *Lugar de negro* (1982). “Ah tá, então eles querem que eu fique aqui encolhidinha...” Nos livros dela, a gente aprende muita coisa, o *Lugar de negro* é um livro muito importante.

A Lélia se preocupava com cotas, porque ela sabia que através da educação a gente chega lá, e com cotas nós teremos mais negros nas universidades, mais negros chegam aonde ela chegou. Foi Lélia que me chamou atenção para o Abdias de Nascimento, que acabei de conhecer nos Estados Unidos. Foi Lélia também que, através do curso, me levou para o candomblé. Assistir a alguns rituais de cultura negra fazia parte do curso. E aí eu fui a uma festa para Oxum, eu sou Oxum Opará, ela também, né? Eu fiquei tão encantada que passou o medo e vi que era tudo maluquice da minha cabeça e que, se por acaso baixasse o santo, seria bem-vindo (risos)! Na minha adolescência, a minha mãe era

da umbanda. Ela pedia que eu não comentasse com as minhas colegas que ela era da umbanda. Por que será que ela pedia isso? Porque existe realmente essa intolerância, essa discriminação com a cultura negra, enfim, com a nossa cultura, com a nossa religiosidade, com a nossa cor de pele, com nosso cabelo, com o ser negro.

Bom, fiz esse curso da Lélia e nunca mais me desgrudei (risos), porque eu falei “é aqui que eu vou ficar!”. Lélia virou, sim, a minha guru. Ficamos amigas... Quando ela se candidatou, fizemos reuniões na minha casa. Aliás, na minha casa, tinha muitas reuniões do movimento negro de modo geral. E essa fala nunca saiu da minha cabeça. “Temos que arregaçar as mangas e fazer alguma coisa. Não temos mais tempo para lamúrias. Não temos mais tempo para esperar por paternalismo, para que alguém faça alguma coisa, para que sejamos alguém.” Lélia foi fundamental.

“Gostaríamos de chamar atenção para a maneira como a mulher negra é praticamente excluída dos textos e do discurso do movimento feminino em nosso país... As categorias utilizadas são exatamente aquelas que neutralizam o problema da discriminação racial.”

Lélia Gonzalez

GONZALEZ, Lélia. **A mulher negra na sociedade brasileira.**

In: LUZ, Madel (Org.). *Lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual*. Rio de Janeiro: Graal Editora, 1981.

DOCUMENTOS DO ACERVO

sou povo. Basta de complicações. Extraio o belo das coisas simples que me seduzem.

Quero sair pelas ruas dos subúrbios com minhas baianas rendadas, sambando sem parar. Com minha comissão de frente digna de respeito. Intimamente ligado às minhas origens.

Artistas plásticos, figurinistas, coreógrafos, departamentos culturais, profissionais, não me incomodem, por favor.

Sintetizo um mundo mágico.

Estou chegando...

Em 1976, eu mesma iniciava o primeiro Curso de Cultura Negra no Brasil, na Escola de Artes Visuais (no Parque Lage), justamente no momento em que, graças à sua nova e jovem direção, aquela instituição se renovava. Reunindo artistas e intelectuais progressistas, cuja produção implicava numa visão crítica da realidade brasileira, a EAV tornou-se o maior espaço cultural do Rio de Janeiro naquele período (tanto que sua desativação foi determinada a partir de Brasília no início de 1979, com o afastamento de sua direção).

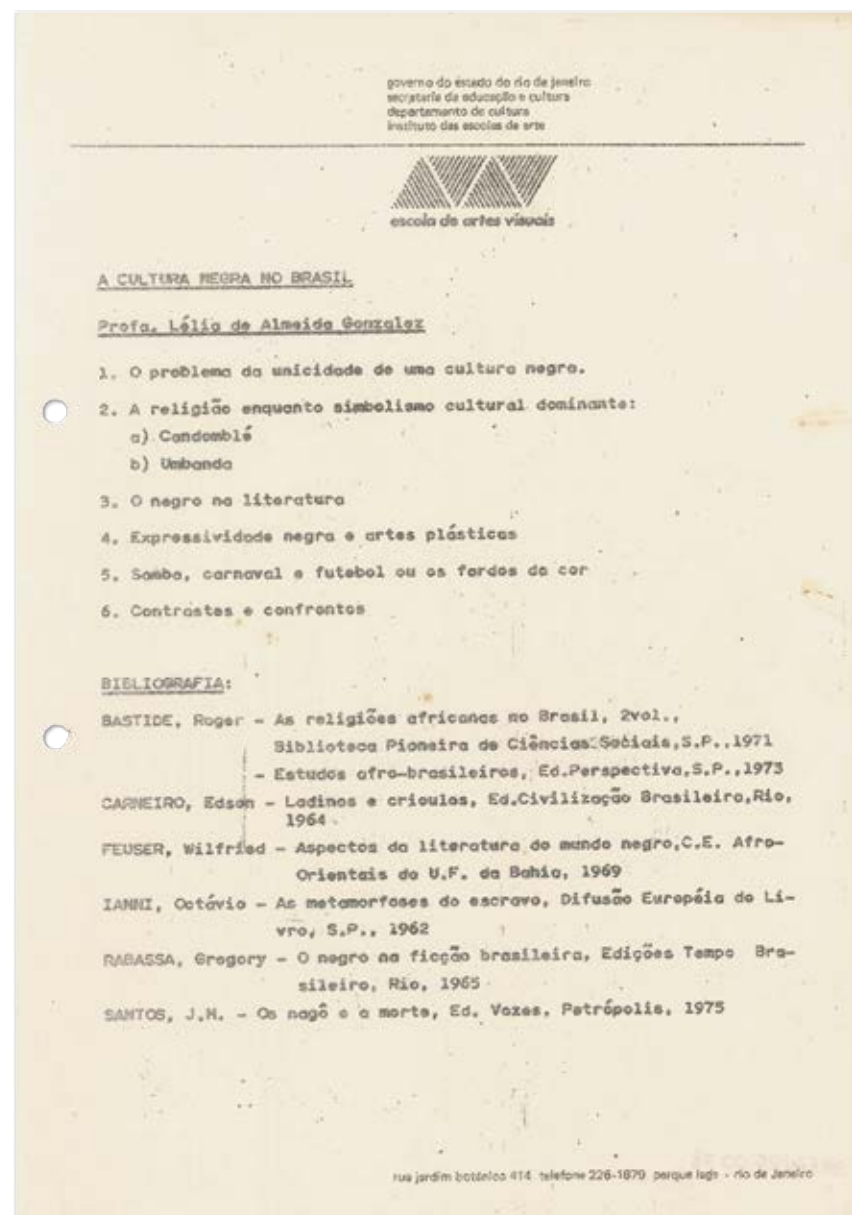
Além do curso teórico (que em seguida se articulou com outros dois: um, de danças afro-brasileiras e, outro, de capoeira), que visava analisar as instituições e os valores culturais negros, assim como sua presença na formação cultural brasileira, o espaço da Escola também foi aberto para a expressão viva de artistas e intelectuais negros. Durante três anos (76, 77, 78), no mês de novembro, realizamos exposições de artistas plásticos, apresentações de grupos de dança e de poesia, exibição de filmes, seminários, lançamentos de livros, espetáculos de mú-

sica etc. O mais significativo de tudo isso foi o espírito de solidariedade e colaboração não só dos amigos e colegas de EAV (que, juntamente com seus alunos, ajudaram na realização dos eventos) mas dos irmãos e companheiros do Olorum Baba Min, do IPCN, do CEBA, da SINBA, da Zona Norte, da Zona Sul, dos subúrbios, das favelas e até mesmo da África (o cineasta nigeriano Olá Balogun e o cantor angolano Sá Moraes). Em 78, um dos eventos do que então chamávamos Ciclo do Negro-Homenagem a Zumbi, foi um espetáculo de música e poesia para o qual convidamos numerosos cantores, músicos e atores negros. Interessante notar que, dos atores e atrizes convidados para participar, apenas dois atores compareceram e deram sua colaboração; os demais, ficaram com medo da "repressão" e nos acusaram de radicais. Exatamente porque, a essas alturas, eram os membros do MNU/RJ que estavam à frente da organização dos eventos. De qualquer forma, o espetáculo foi um sucesso, dada a qualidade dos textos e das músicas. Reportamo-nos a esse fato justamente porque nos parece importante uma reflexão sobre um certo tipo de negro que a gente, hoje, chama de jaboticaba (preta por fora, branca por dentro, doce... mas com caroço que não dá pra engolir). Falaremos do jaboticaba mais adiante.

Foi também em 1976 que se iniciaram os contatos entre o Rio e São Paulo, em termos de movimento negro. A turma de São Paulo tomou conhecimento do que se passava por aqui, através do Boletim do IPCN, e, então, pintou por aqui pra levar um papo. Este foi o primeiro encontro de uma série que se realizaria em São Paulo, Rio Claro, São



ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE.
Cultura negra no Brasil, 1976.
 Cartazete, 21 x 30 cm. Acervo Lélia Gonzalez.



GONZALEZ, Lélia.
A cultura negra no Brasil, 1976.
 Ementa, 21 x 30 cm. Acervo Memória Lage.

ESCOLA DE ARTES VISUAIS

"CULTURAS NEGRAS NO BRASIL" - Prof. LÉLIA GONZALEZ

1. A idéia de cultura. Cultura e linguagem. Níveis da linguagem.
2. Caracterização das culturas africanas vindas para o Brasil.
3. A questão da identidade em face do novo espaço cultural: resistência e integração.
4. O negro no Brasil moderno. O racismo enquanto discurso de exclusão.
5. Arte-linguagem-psicanálise.
6. Presença negra na cultura brasileira. Religião e folclore. Arte "erudita" e arte "popular".

BIBLIOGRAFIA

- BASTIDE, R. - As religiões africanas no Brasil.
Estudos afro-brasileiros.
- CARNEIRO, E. - Candomblés da Bahia.
Ladinos e crioules.
- CORNEVIN, R. e M. - Histoire de l'Afrique.
- CASCUDO, C. - Made in Africa.
- DIEGUES, Jr., M. - Etnias e culturas no Brasil.
- EHRENLEWIG, A. - A ordem oculta da arte.
- FERNANDES, F. - O negro no mundo dos brancos
Brancos e negros em São Paulo
- FREIRE, G. - Casa grande e senzala
Sobrados e mocambos
- FREUD, S. - Totem e tabu
Mal-estar na civilização
- IANNI, O. - Raças e classes sociais no Brasil
- LANDES, R. - A cidade das mulheres
- MOLANDA, S.B. - Raízes do Brasil
- LEVI-STRAUSS, C. - Estruturas elementares do parentesco
Antropologia estrutural
Raça e história
- LACAN, J. - Écrits
La télévision

- 2 -

- RAHUS, A. - Introdução à antropologia brasileira
O folclore negro no Brasil
- MENDONÇA, R. - A influência africana no português do Brasil
- RODRIGUES, N. - Os africanos no Brasil
- QUERINO, H. - SKUDMORE, T. E. - Preto no branco
- SANTOS, J. E. - Os negô e a morte

OFICINA PERMANENTE					
ESCOLA DE ARTES VISUAIS					
	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
HORÁRIO					
8					
M					
MANHÃ					
11	JOSÉ LIMA	ASTRÉA	CHARLES W.	LUIZ ERNESTO	ROSA MAGALHÃES
12					
	LÉLIA	NEUCI	IVONE	IVONE	RONALDO
14					
T	JOSÉ LIMA	GASTÃO CHARLES W.	CHARLES W. GASTÃO	JOHN N.	ISABELLA
17					
18					
	LÉLIA	NEUCI	IVONE	IVONE	RONALDO
20					
N	LUIZ ERNESTO	GASTÃO ASTRÉA	ASTRÉA GASTÃO	JOHN N.	
23					
NOITE					

JOSÉ LIMA
ASTRÉA
CHARLES
L. ERNESTO

ROSA
RONALDO
IVONE
NEUCI

LÉLIA
GASTÃO
JOHN
ISABELLA

A presença negra na cultura brasileira

7

Lélia Gonzalez



Cabaça representando o Céu e a Terra, usada nos templos para oferendas (Nigéria).



Máscara de marfim representando o Rei Benin, da Nigéria.

A proposição do curso sobre culturas negras no Brasil realizado no Parque Lage visa, desenvolver um trabalho de reflexão crítica que possibilite a designação do lugar do negro na cultura brasileira. E ao tentar apontar para tal lugar, ele pretende também trazer a sua contribuição no sentido de que o próprio negro se situe e assumo a si e a seus antepassados enquanto presença marcante na nossa realidade cultural.

Apesar das pesquisas efetuadas desde Nina Rodrigues até o presente, o que se verifica é que o resultado de semelhante empenhamento tem permanecido no âmbito restrito dos especialistas. Enquanto isso, a nível de discurso dominante, a contribuição das diferentes falas culturais negras é vista numa perspectiva folclorizante que evidencia o desinteresse em apontar para a nossa realidade cultural. A esse tipo de discurso que, ao elidir desse modo a presença negra na cultura brasileira, visa o recalcanço dessa presença, denominamos discurso de exclusão. Sua característica essencial consiste em evidenciar o que lhe interessa, em escamotear o que não lhe interessa e fazer-se repetir como verdade clara e distinta. Graças às suas diferentes modalidades reforçam-se os estereótipos a respeito do artista, do louco, da criança ou das culturas por ele designadas como primitivas. Sua eficácia, por conseguinte, se dá no nível do reconhecimento-desconhecimento de uma dada realidade cultural. Reconhecimento, na medida em que a repetição de suas afirmações é dada como reflexo dessa realidade; desconhecimento, na medida em que essa repetição escamoteadora exclui, mediante recalcanço, aquilo que não lhe interessa ser visto nessa mesma realidade. Vale notar que o excluído sempre aponta para os limites ou limitações do discurso que o exclui.

As diferentes falas culturais do negro foram elididas, no decorrer de nossa história, por esse tipo de discurso que sempre apontou para os contingentes africanos que aqui chegaram como uma massa anônima primitiva, escravizada de direito, animalizada, coisificada, dotada de um mínimo de capacitação: o trabalho burocrático. A maior parte da população brasileira que passa

pelos escolas ainda possui esse tipo de perspectiva, amenizada pela tendência condescendente (que se diz "humanizada") em identificar o negro como infantil, irresponsável, intelectualmente inferior etc; carnaval, futebol e macumba estariam aí para comprovar tais afirmações. E tudo isto proposto sob o halo de um benevolente paternalismo. Desnecessário dizer que o próprio negro brasileiro, socializado a partir dessa perspectiva, só poderia se ver segundo essas "verdades".

Que se verifique, por exemplo, o modo como a exclusão se faz presente na abordagem da formação dos quilombos, na questão das insurreições dos haussas e nagôs na Bahia, na questão da chamada "revolta dos alfaiates". Tais resistências quanto à perda de uma identificação cultural, manifestadas ao nível da luta armada, são reduzidas a meras tentativas de fuga desorganizadas. As diferentes manifestações culturais no âmbito das artes, da religião, das estruturas sociais, das relações de parentesco também são reduzidas a um conjunto de elementos folclóricos e folclorizados.

Todavia, o desenvolvimento teórico de ciências como a antropologia e a história permitiu que uma série de questões fossem colocadas a partir de uma reflexão crítica. Até que ponto, o negro resistiu ao processo de aculturação? Até que ponto a violência da escravidão o submeteu? De que maneira os diferentes povos das diferentes culturas africanas se defrontaram com a nova realidade que lhes foi imposta? Qual a significação cultural de Benin, Oió, Ifé, Abokutí, Congo, Angola, Luanda? De que maneira as diferentes falas culturais conseguiram manter sua identidade e marcar sua contribuição na nova realidade cultural? De que maneira as lutas internas na África repercutiram nas relações estabelecidas a partir da diáspora? Até que ponto o discurso do senhor submeteu e foi submetido pelo do escravo? Até que ponto o retorno do recalcanço se fez sentir na cultura brasileira?

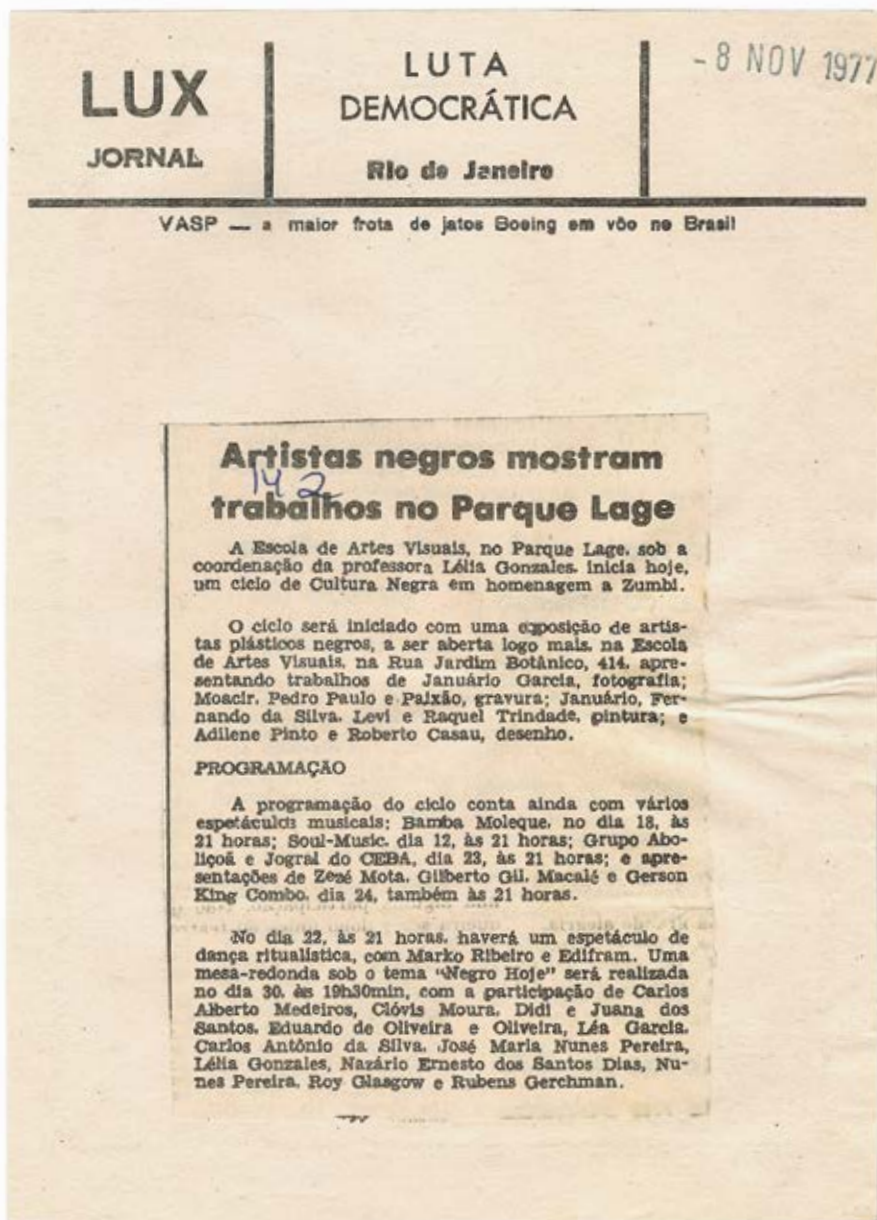
Tais questões evidentemente acabam por nos remeter à necessidade de repensar a cultura brasileira, uma vez que as diferentes culturas que contribuíram para a sua formação, mediante complexo processo de interinfluências, fizeram dela algo de peculiar, de diferente de cada uma delas.

GONZALEZ, Lélia.

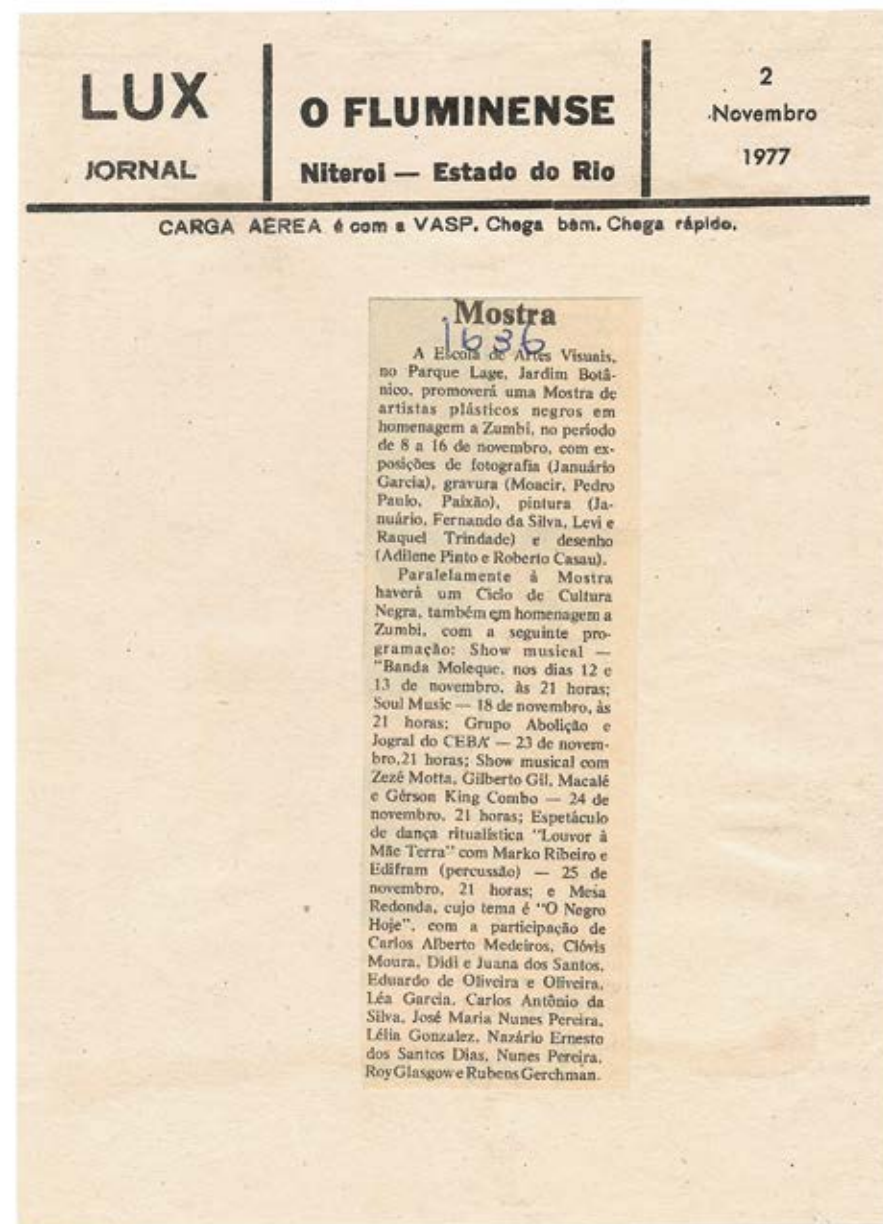
A presença negra na cultura brasileira.

GAM-Galeria de Arte Moderna, Rio de Janeiro, março de 1977, nº 37. 32,5 x 45 cm.

Acervo Memória Lage.



Artistas negros mostram trabalhos no Parque Lage.
Luta Democrática, Rio de Janeiro, 8 de novembro de 1977.
9,5 x 12 cm. Acervo Memória Lage.



Mostra. O Fluminense, Niterói-RJ, 2 de novembro de 1977.
5 x 13,5 cm. Acervo Memória Lage.

34/11/1976

NOTA

QUILOMBOS-criação e coreografia de Isaura de Assis, com um elenco de 18 artistas (bailarinos, músicos, atores e cantor) será apresentada na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, numa promoção do Curso de Cultura Negra (Profa Lúcia Gonzalez) em comemoração aos 281 anos do Aniversário da morte de Zumbi dos Palmares.

Dia 24 de novembro às 21 horas-Parque Lage- Rua Jardim Botânico.

PRESS RELEASE

Comemorando os 281 anos do Aniversário da morte de Zumbi dos Palmares, o Curso de Cultura Negra (Profa Lúcia Gonzalez), da Escola de Artes Visuais apresentará o "GRUPO OLÓDUM BABA NIN". O Grupo é constituído de artistas profissionais de várias áreas e foi criado em outubro de 74 com a finalidade de pesquisar a cultura Afro-Brasileira e divulgá-la através de espetáculos de arte. Desde a sua criação vem se apresentando em vários teatros do Rio de Janeiro e outros estados, reafirmando sempre o alto nível técnico e artístico adquirido através do aperfeiçoamento criterioso e constante.

O espetáculo de Arte Negra QUILOMBOS é desenvolvido através da dança, com apóio de canto, expressão corporal, representação cênica e música. O espetáculo, inspirado na criação, desenvolvimento e destruição de Palmares é fonte de informação de vários aspectos da cultura negra.

Criação, direção e coreografia: Isaura de Assis

Assist. de Coreografia: Jurandir Palma

Coordenação musical: Carlos Negreiros

Figurinos: Edson Phaar

Bailarinos: Rubens Cervasio, Isaura de Assis, Edson Phaar, Deoclides Gouveia (Ator), Luiz Antonio, Neila Santos, Lucia Santes, Dica de Lima e Severina Santana.

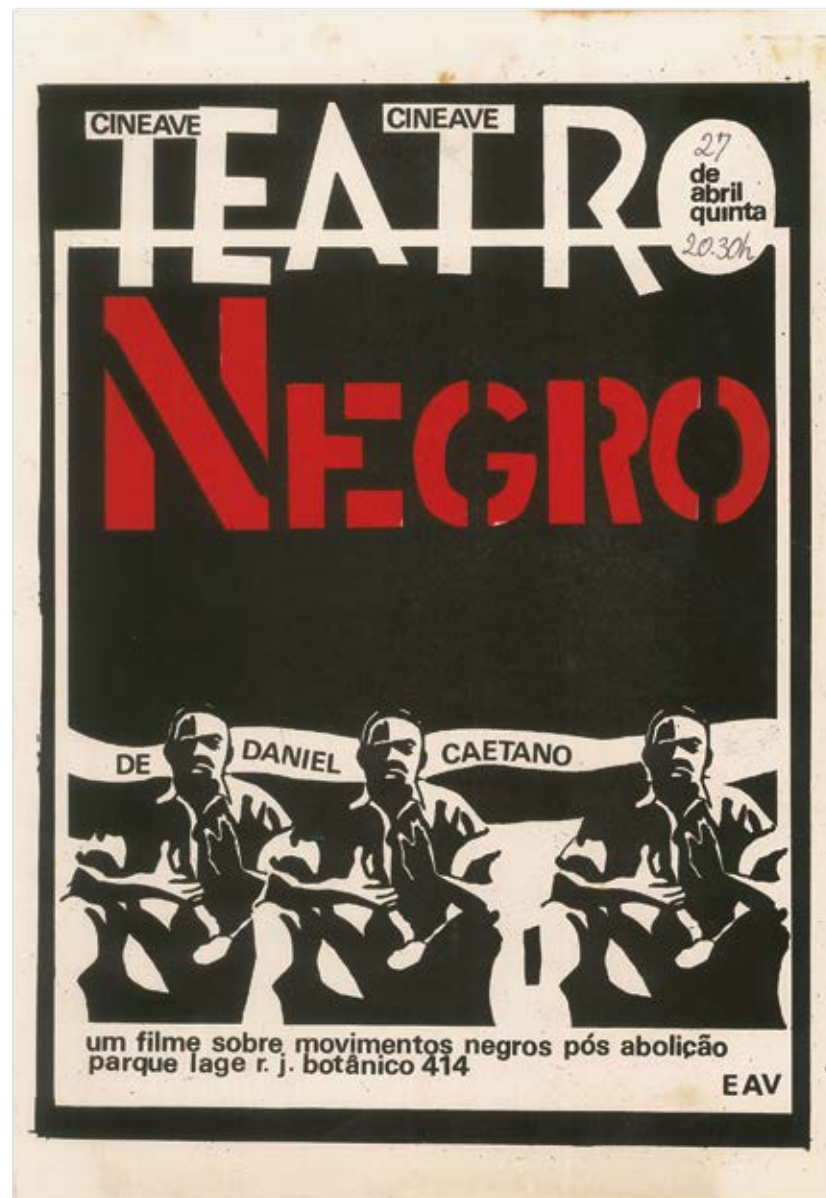
Percussionistas: Caboclinho, Raphael, Luizão e Encarnação

Flauta: João Amâncio

Cantor: Carlos Negreiros

DATA: 24 de novembro de 1976 - HORA: 21,00 horas

LOCAL: ESCOLA DE ARTES VISUAIS - PARQUE LAGE - Rua Jardim Botânico.

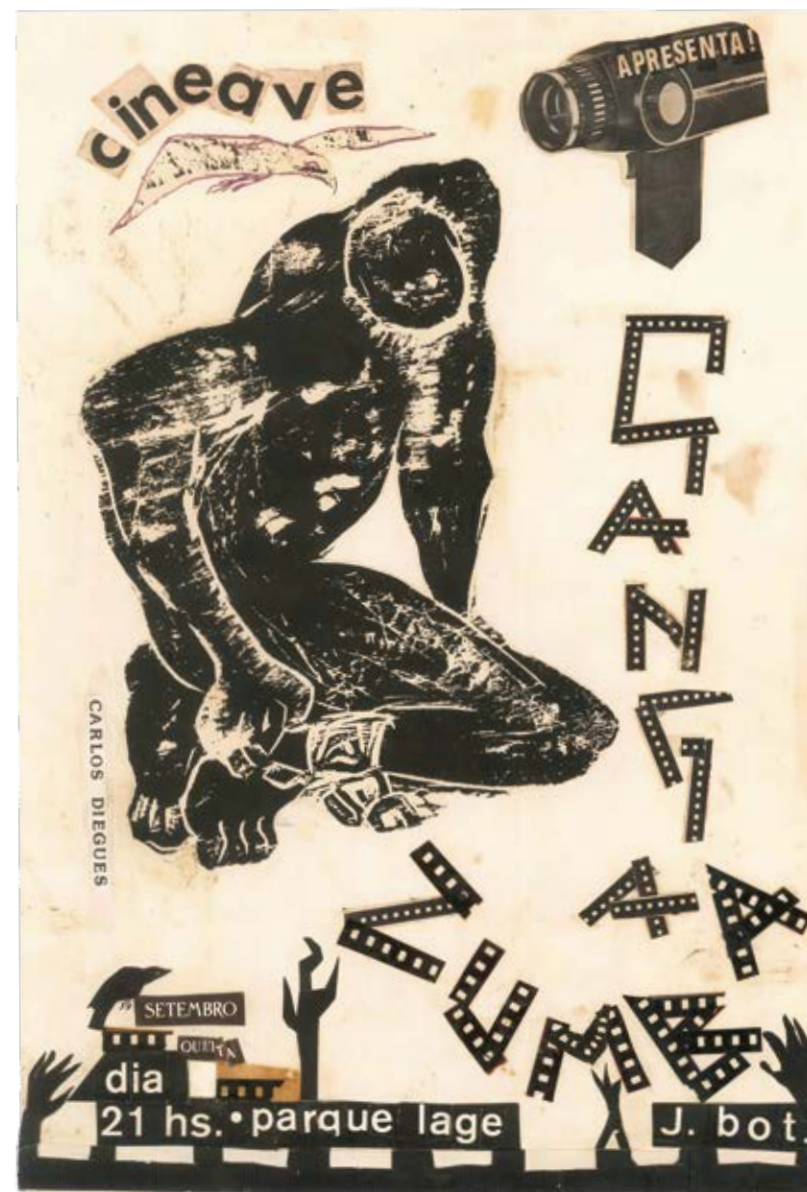


ASSIS, Isaura de. **Nota:** Quilombo. 1976.
Release do espetáculo *Quilombo*, 1976.
21 x 30 cm. Acervo Memória Lage.

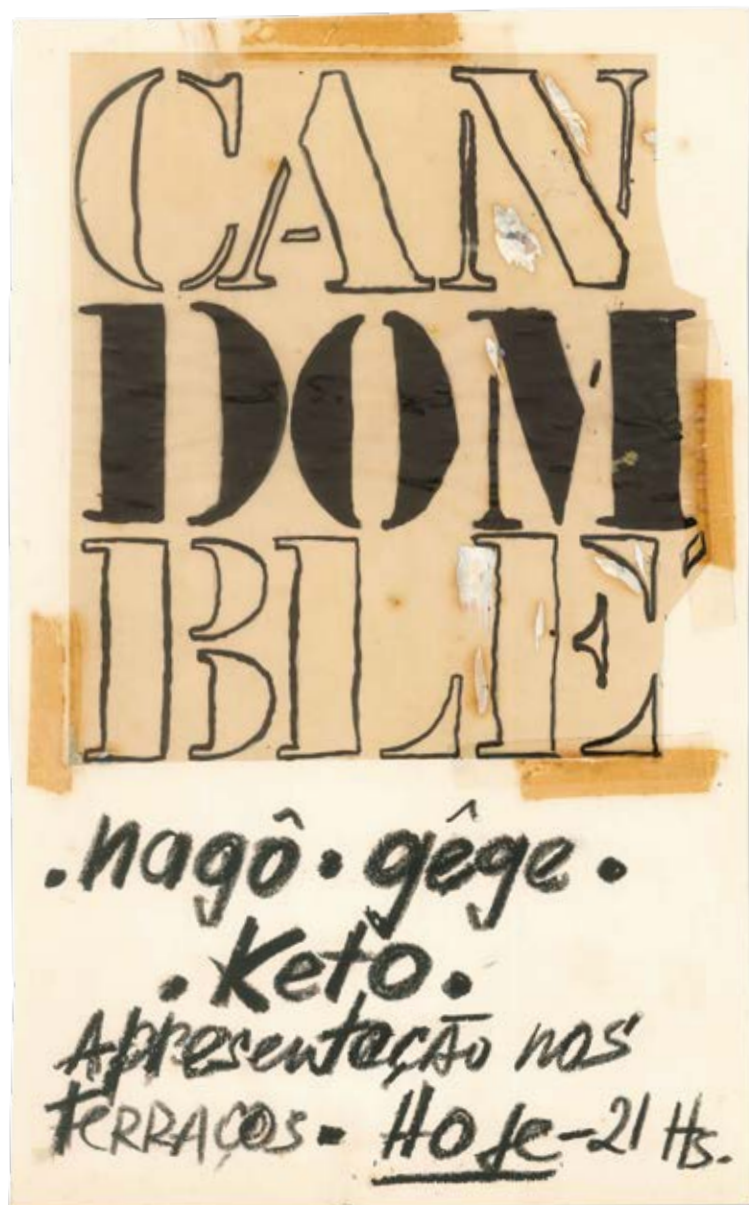
ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE.
CINEAVE: Teatro Negro de Daniel Caetano. 1975-1979.
Cartazete, 21,5 x 31,5 cm. Acervo Memória Lage.



ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE.
CINEAVE: Ganga Zumba: a luta dos escravos na busca de Palmares. Direção: Carlos Diegues; 1976.
 Cartazete, 21,5 x 31,5 cm. Acervo Memória Lage.



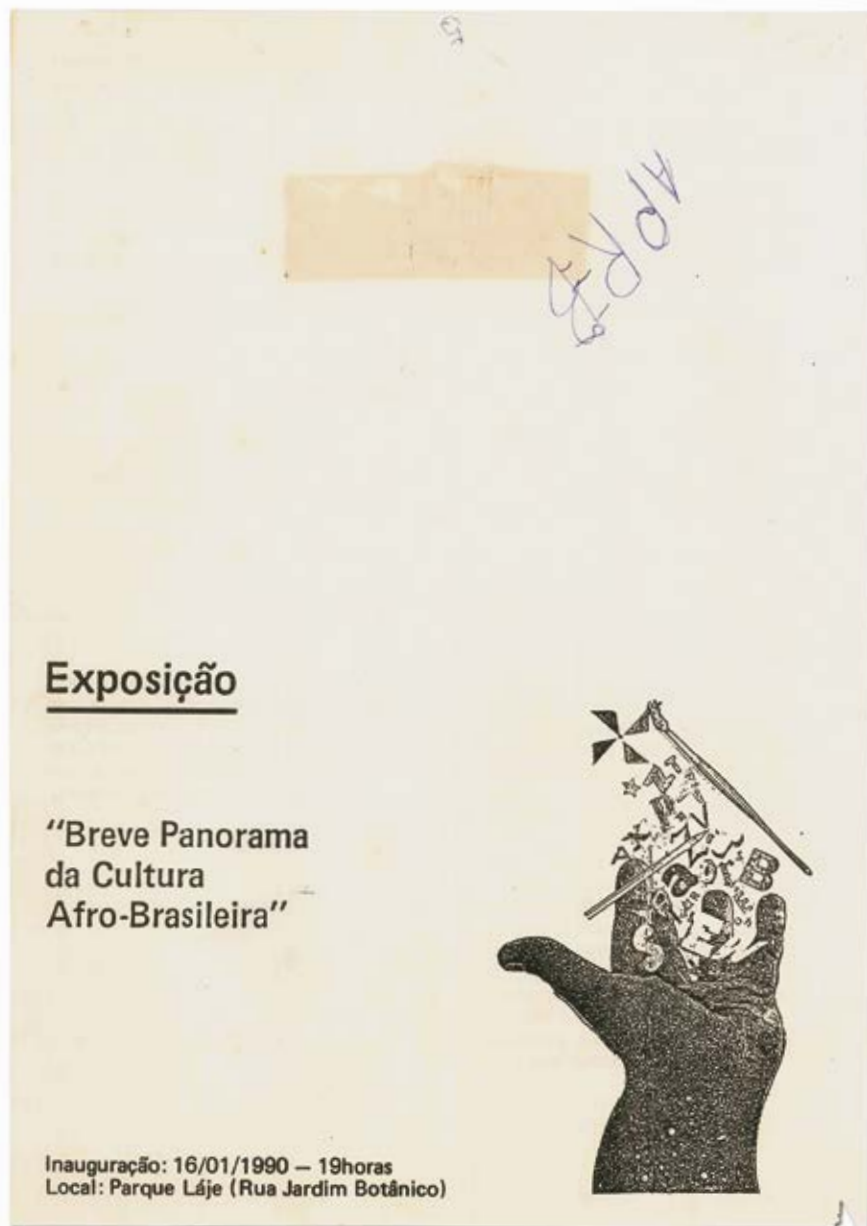
ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE.
CINEAVE: Ganga Zumba: a luta dos escravos na busca de Palmares. Direção: Carlos Diegues; 1976.
 Cartazete, 21,5 x 31,5 cm. Acervo Memória Lage.



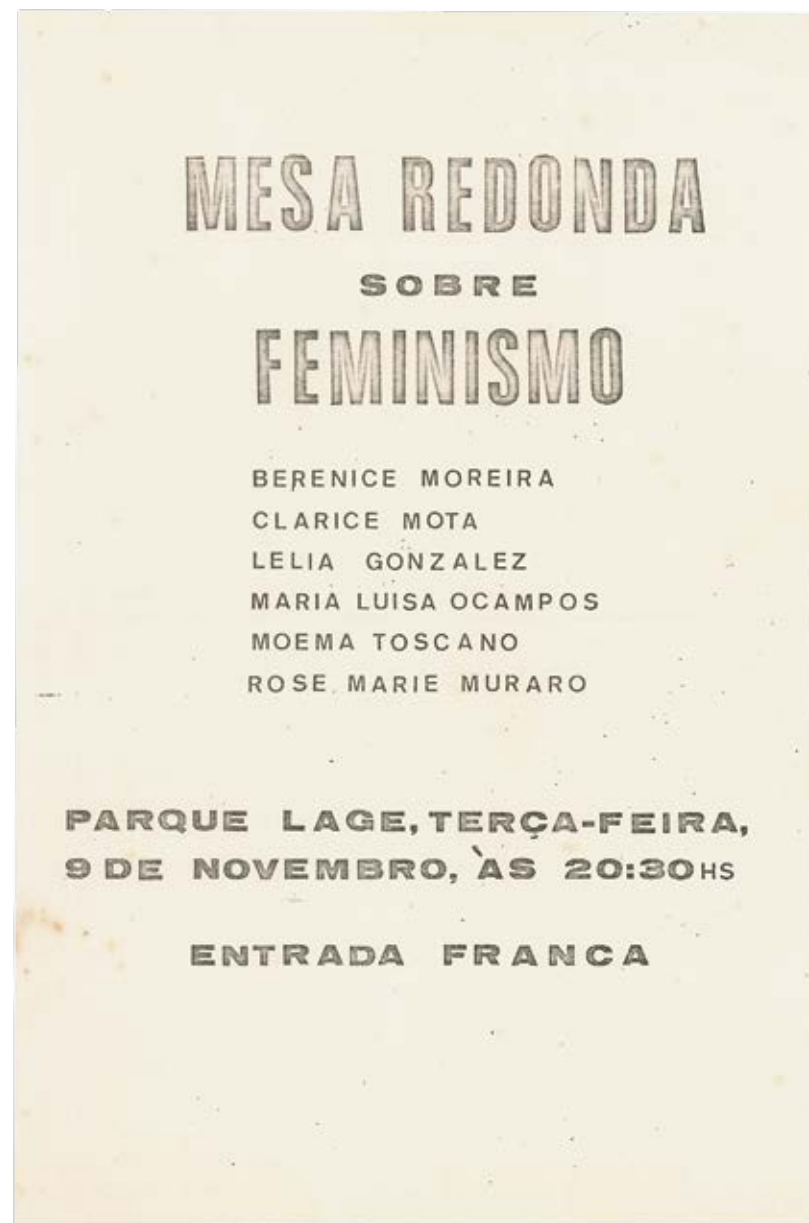
ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE.
Candomblé / Nagô Gegê / Keto, 1975-1979.
 Cartazete, 20 x 32,5 cm. Acervo Memória Lage.



ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE.
Danças Afro-brasileiras / Macalé dos Santos, 1978.
 Cartazete, 21,5 x 31,5 cm. Acervo Memória Lage.



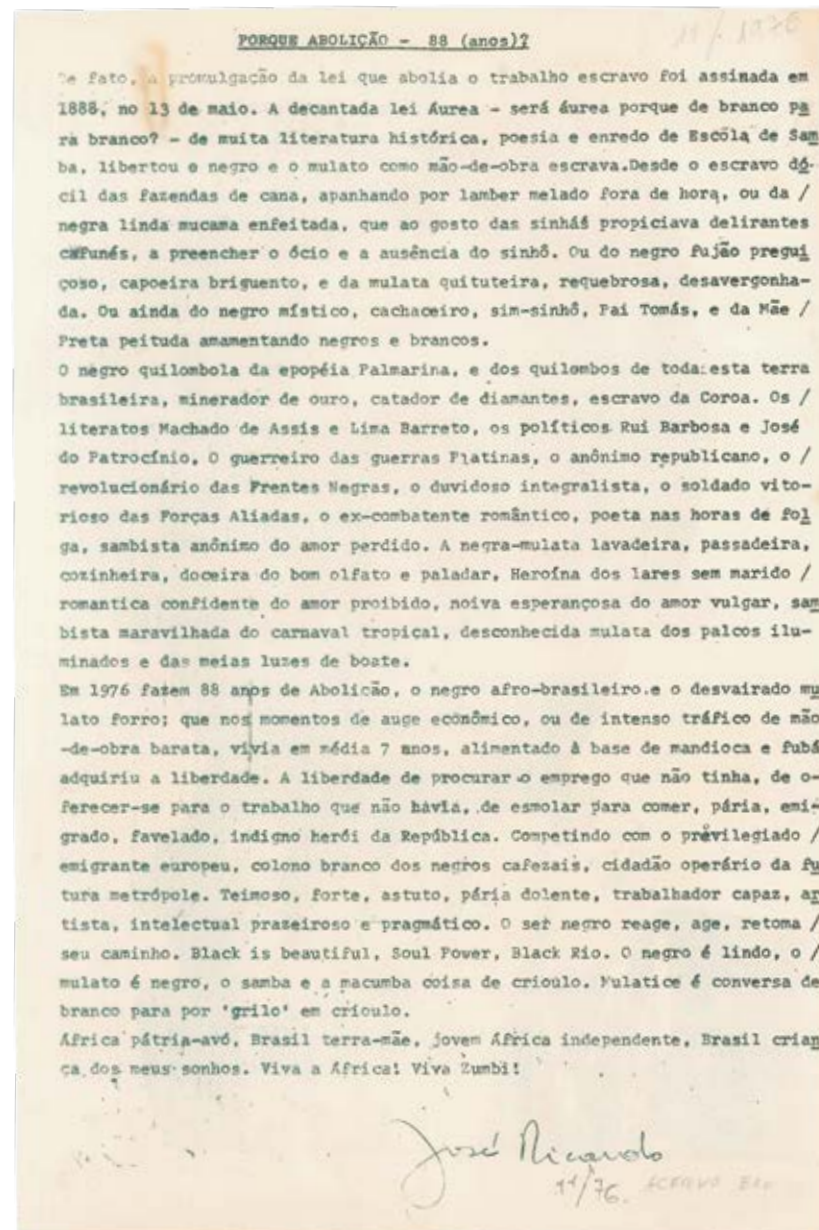
ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE.
Convite da Exposição Breve Panorama da Cultura Afro-Brasileira, 1990.
 21 x 29,5 cm. Acervo Memória Lage.



ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE.
Mesa redonda sobre feminismo, 1979.
 Cartazete, 20 x 29,5 cm. Acervo Memória Lage.

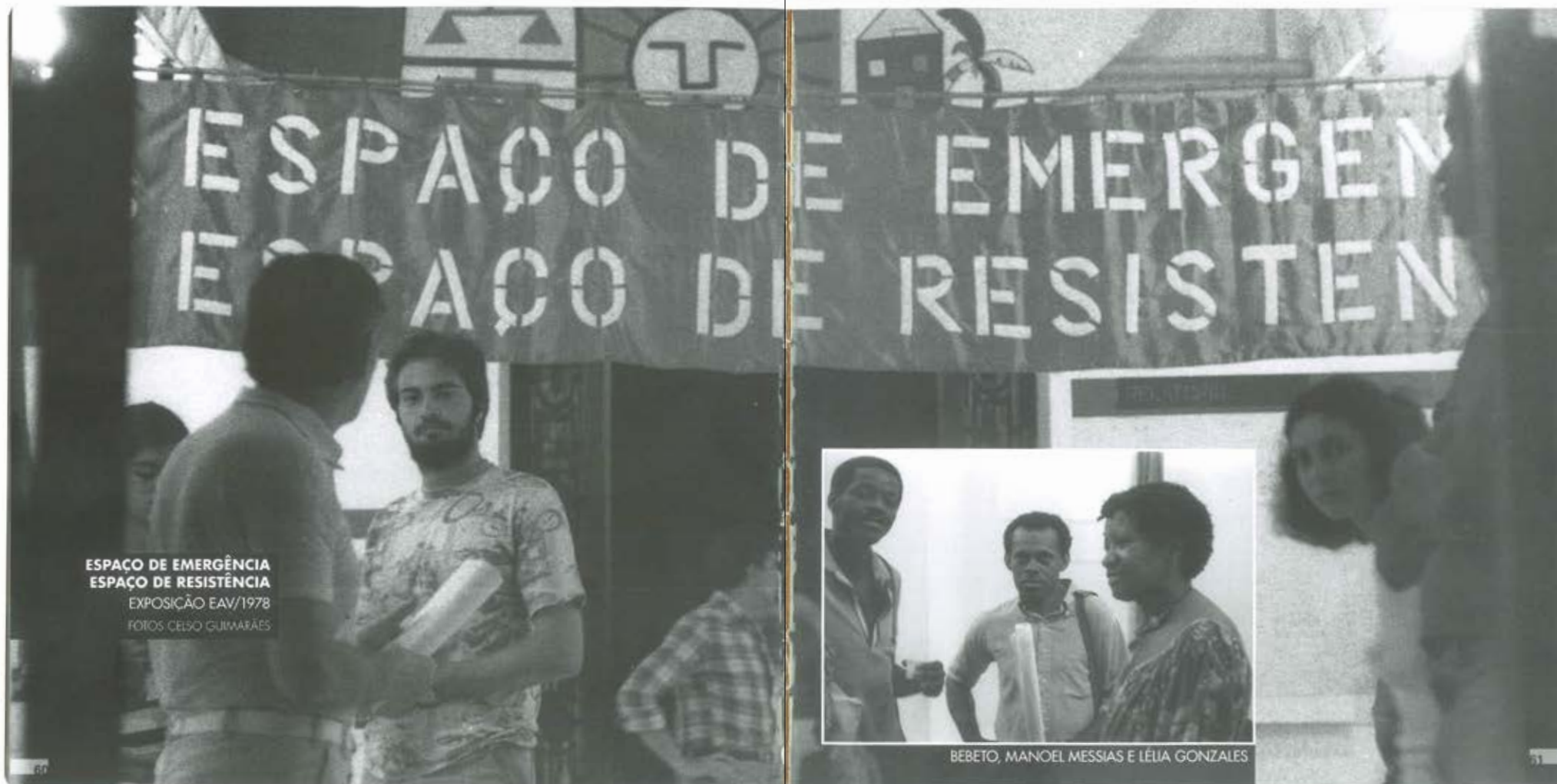


D'ALMEIDA, José Ricardo.
Porque Abolição - 88 (anos)?, 1976.
 21 x 31,5 cm. Acervo Memória Lage.





ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE.
Capoeira Angola - Mestre Moraes, 1975-1979.
22 x 33 cm. Acervo Memória Lage.



ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE.
Jardim da Oposição: 1975-1979.
Rio de Janeiro: AMEAV, 2009. 21 x 42 cm.

MULHERIO

ANO I, N° 3, SETEMBRO/OUTUBRO 1981.

Cr\$ 80,00



POLÍTICA É ASSUNTO DE MULHER?

Revista Mulherio, ano I, nº 3, setembro/outubro, 1981.
Capa. Acervo Lélia Gonzalez.

Pesquisa

MULHER NEGRA

O fato de ter havido, na última reunião da RPPC em Salvador, uma mesa redonda sobre a mulher negra, não deixou de ser a sua importância histórica. Pela primeira vez o tema era discutido em tão prestigioso evento. E lá estavam nós, duas negras e duas brancas, tentando apreender um quadro da situação de desigualdade vivida por nós, mulheres negras. Efeitos de alguma concessão paternalista ou de uma longa caminhada no sentido de se assumir como sujeito da própria luta?

O longo processo de marginalização do povo negro, imposto pelas práticas discriminatórias de uma sociedade marcada pelo autoritarismo, repercutiu nos a todos de setor mais opressivo e explorado da população brasileira. E é por aí que se pode entender certo arazo político do movimento negro em face de outros movimentos sociais. Mas o desconhecimento ou a não-consideração desse tipo de efeito tem levado muitas pessoas de "boa vontade", e até mesmo progressistas, a reproduzirem aquele julgamento tão bem caracterizado por Florestan Fernandes: os negros são os únicos responsáveis pela situação em que se encontram.

Trata-se de uma bela prática da política do avestruz (ou de "autrucho", como diria Lúcia) que tem caracterizado certo tipo de racismo envenenado de si mesmo: fingir que o problema racial não existe e realista a inferioridade do negro mediante esse tipo de que somente ele é responsável pelo que lhe acontece. É por aí que se desenvolvem certas compensações entre o movimento negro e os outros movimentos sociais.

As dificuldades do movimento negro

Não faz muito tempo, ouvimos, de pessoas respeitabilíssimas, a afirmação de que o movimento de mulheres é melhor organizado e mais avançado que o movimento negro. Até que a gente não desista, já que se trata de uma verdade. No entanto, o movimento feminista tem suas raízes históricas enraizadas na classe média branca, o que significa muitas maiores possibilidades de acesso e de sucesso em termos educacionais, profissionais, financeiros, de prestígio etc. E isto sem deixar de considerar as dificuldades enfrentadas pelo movimento de mulheres, dados os diferentes níveis de oposição e resistência que vivem, no mínimo, neutralizado. No entanto, o movimento tem ido à luta e conquistado espaços que, hoje, são definitivamente seus.

Que se pense, a partir daí, nos obstáculos a serem superados pelo movimento negro e, sobretudo, por um movimento de mulheres negras (que já existe). Já que os efeitos da desigualdade racial são muitos mais contundentes que os da desigualdade sexual. Em consequência, ser mulher e negra (ou negra e mulher?) implica em ser objeto de um duplo efeito de desigualdade muito bem articulado e manipulado pelo sistema que aí está. Cabe às valiosas contribuições de nossas companheiras Lúcia Rêgo O. de Oliveira e Tereza Cristina

Costa, além de Rosa Maria Pócaro, podemos ler uma idéia objetiva do que significa ser mulher negra em nosso país.

Com os dados fornecidos pela Pesquisa de Amostra Doméstica (PNAD-1978), podemos analisar, de um lado, a participação da mulher negra na força de trabalho (FT) e, de outro, as desigualdades socio-econômicas reproduzidas em famílias brancas e negras.

A Mulher Negra na Força de Trabalho

Em 1978, tinhamos 11,3 milhões de mulheres trabalhadoras, das quais 57% se reconheciam como brancas e 40% co-

mo negras oficialmente classificadas em pretas e pardas.

A maior concentração da força de trabalho feminina ocorre nos setores de prestação de serviços, social e comércio de mercadorias temporárias domésticas, professoras, enfermeiras, balconistas ampliados em consequência da industrialização e da modernização. Mas a maioria das mulheres negras (69%) trabalha na agricultura e na prestação de serviços. Isto significa que as atividades sociais e o comércio de mercadorias absorvem principalmente as mulheres brancas (38%), para 16% de negras.

Na tabela 1 são apresentadas alguns dados sobre estrutura ocupacional que valem a pena ser explorados.

Tabela 1

Porcentagem de trabalhadores e de trabalhadoras brancas e negras por categoria ocupacional	Total da FT		FT feminina		
	FT masc.	Total	Brancas	Negras	
Ocupações Não Manuais	17	14	24	32	13
Nível superior	6	7	4	5	2
Nível médio	11	7	21	27	12
Ocupações Manuais	83	86	76	68	87

Como se pode ver, as mulheres trabalham proporcionalmente mais do que os homens nas ocupações não-manuais. Mas dentro dessa categoria há diferenças importantes. Nas ocupações de nível superior (temporárias, administradoras, profissionais de nível superior etc.), as brancas estão presentes em maior número do que as mulheres, mas esta desigualdade é menor do que aquela verificada entre as próprias mulheres, brancas e negras. Entre os profissionais de nível médio (auxiliares de escritório, câmeras, leprocuras, professores de primeiro grau etc.), a presença da mulher é marcante, contudo maioritariamente branca. Com muitas

dessas atividades requerem contato com o público, ficam evidentes as dificuldades da mulher negra para ter acesso a tais ocupações (basta lembrar dos anúncios que exigem das candidatas "boa aparência", isto é, que correspondam aos valores estéticos brancos).

Ganhando menos que as brancas

Outra tabela que nos oferece informações valiosas é a que mostra diferenças de rendimento médio, entre os sexos e as raças.

Tabela 2

Porcentagem de salários femininos em relação aos masculinos e dos salários das negras sobre as das brancas, por nível ocupacional	Mulheres/Brancas		Negras/Brancas	
	65%		52%	
Ocupações de nível superior	65%		52%	
Ocupações de nível médio	54%		86%	

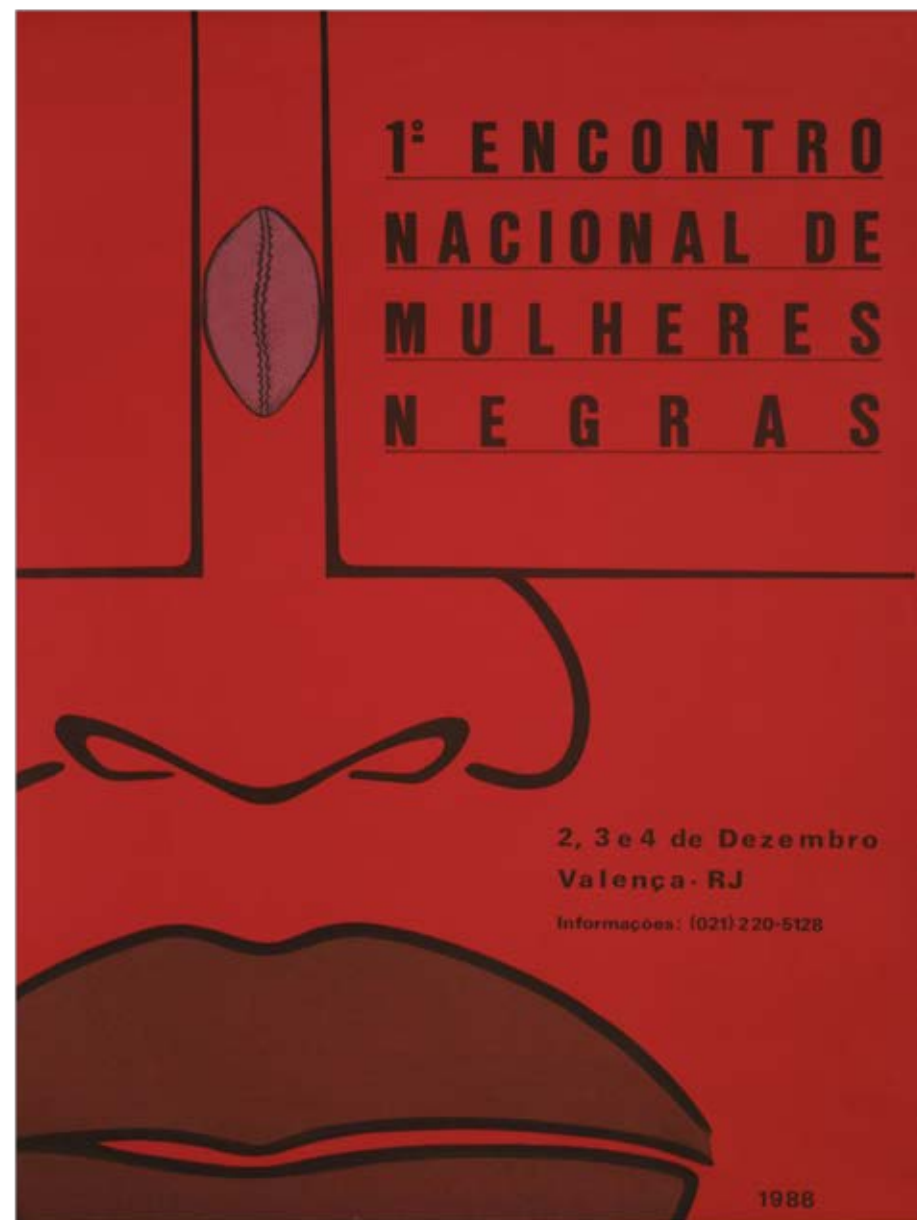
Trocando em milibros, os dados dizem o seguinte: nas ocupações de nível superior, as mulheres ganham, em média, 39% a menos do que seus colegas homens, mas as negras ganham 48% a menos do que as brancas. Nas ocupações de nível médio as

mulheres ganham 48% a menos do que os homens, enquanto as negras recebem 24% a menos do que as brancas. Parece que o racismo e suas práticas são muito mais contundentes nas ocupações de nível superior do que o sexismo,

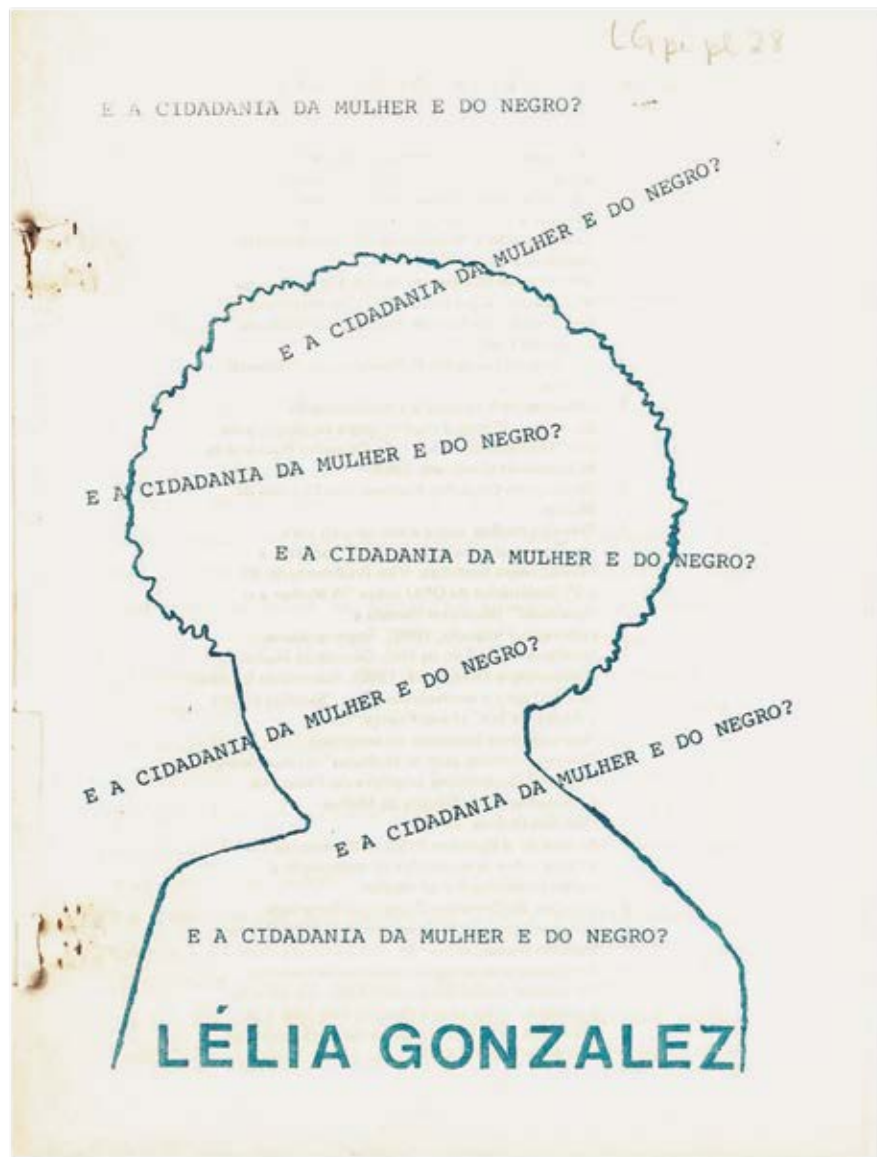
GONZALEZ, Lélia. *Mulher Negra*. *Mulherio*, ano I, nº 3, setembro/outubro, 1981. Acervo Lélia Gonzalez.



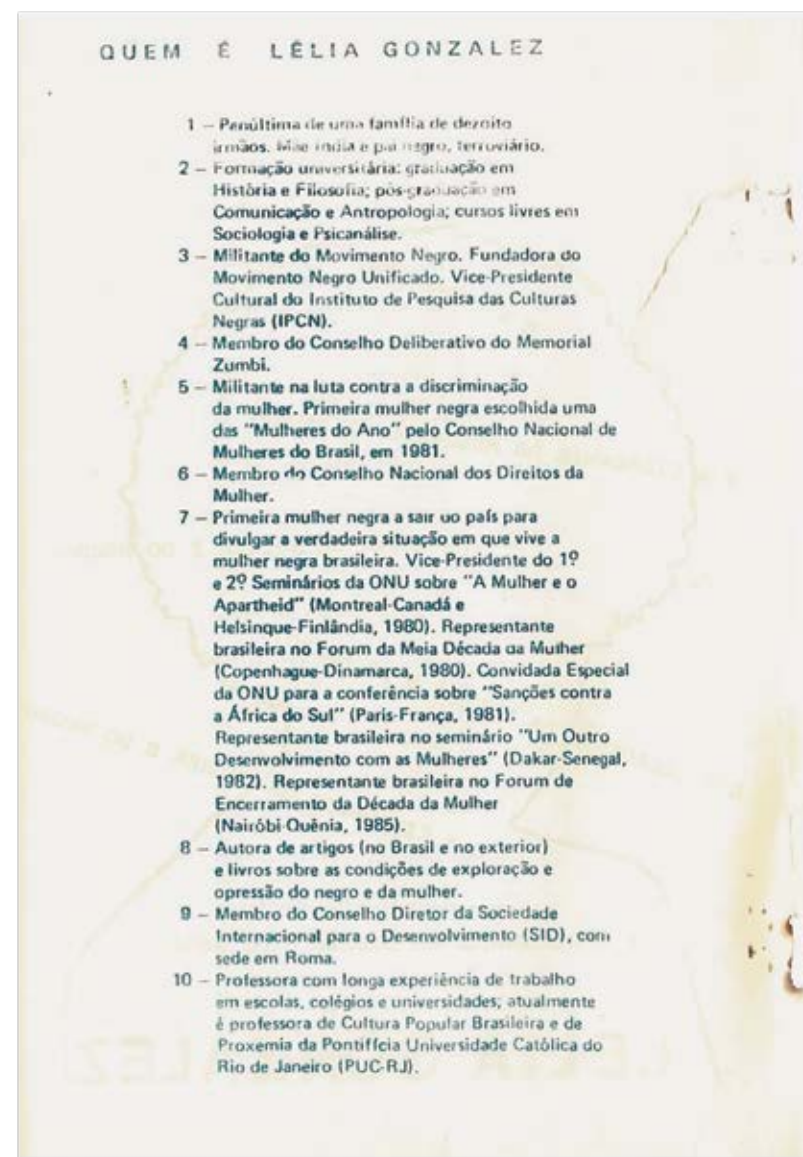
GRUPO DE MULHERES NEGRAS DO RIO DE JANEIRO.
1º Encontro de mulheres: normas, 1983.
Acervo Lélia Gonzalez.



1º Encontro Nacional de Mulheres Negras, 1988.
Acervo CACES - Centro de Atividades Culturais,
Econômicas e Sociais.



GONZALEZ, Lélia. **E a cidadania da mulher e do negro?**, 1986. Capa. Acervo Lélia Gonzalez.



GONZALEZ, Lélia. **Quem é Lélia Gonzalez.**
In: *E a cidadania da mulher e do negro?*, 1986.
Acervo Lélia Gonzalez.

“O Brasil – por razões de ordem geográfica, histórico-cultural e sobretudo da ordem do inconsciente – é uma América Africana cuja latinidade, por inexistente, teve trocado o t pelo d para, aí sim, nomear o nosso país com todas as letras: Améfrica Ladina (cuja neurose cultural tem no racismo o seu sintoma por excelência).”

Lélia Gonzalez

GONZALEZ, Lélia. *Nanny*. **Humanidades**, v. 17, ano IV.
Brasília: UnB, 1988. p. 23-25.

**PAPEL SOCIAL NO
DESENVOLVIMENTO
DE COLEÇÕES NA
BIBLIOTECA DA EAV**

Juliana Machado e Rubia Luiza da Silva

Atualmente, o acervo da Biblioteca da Escola de Artes Visuais do Parque Lage conta com mais de 20 mil títulos, divididos entre catálogos, livros e periódicos. Mais da metade do acervo é oriunda do IBA, o antigo Instituto de Belas Artes, ou de acervos que foram doados por artistas que queriam compor a Biblioteca da Escola.

Com mais de quarenta anos de existência, o acervo da Biblioteca praticamente é um lugar de referências de artistas homens brancos estadunidenses e europeus, tanto na arte moderna como na contemporânea.

Em 2015, eu, Rubia Luiza, me torno bibliotecária na EAV – uma mulher negra que, ao conhecer o acervo, se depara com a falta de representatividade negra na Biblioteca de artes. A função social da/do bibliotecária/o também consiste na manutenção do espaço que ela/ele ocupa. Quando se está nesses lugares de tomada de decisões, se faz necessária uma ação para ressignificar esses espaços.

Com isso, convido outra bibliotecária negra, Juliana Machado, para tentarmos as possibilidades de novas narrativas numa biblioteca de artes. Reforça-se a necessidade de enegrecer o acervo, que nasce do desejo da não naturalização da inexistência de referências literárias negras numa Escola de Artes Visuais. Faz-se necessário o enfrentamento daquilo que é trivial como leitura: lutar para termos mais representatividade negra no espaço é não se omitir diante do embranquecimento imposto como padrão teórico.

Essa tentativa de trazermos mais catálogos de pessoas negras esbarrava na falta de verba para compor o acervo. Quando a Escola cria o Programa Formação e Deformação gratuito, torna-se mais evidente a necessidade de outras referências dentro da Biblioteca da EAV. O programa consistia na participação de 25 artistas-bolsistas, a maioria deles negros e periféricos.

Durante a pesquisa para o projeto “Hospedando Lélia Gonzalez”, tornou-se mais latente a necessidade de trazermos mais obras de artistas negros para o acervo: “hospedar Lélia” e não ter no acervo as referências que seu legado trazia não era uma possibilidade. Com o intuito de sanar esta deficiência no espaço, foi elaborado um plano para desenvolver a coleção. Observou-se então a necessidade de compor o acervo não só com artistas negros, mas também com pensadores e filósofos estudiosos sobre as questões raciais. Com o escopo do projeto, iniciou-se então o contato com editoras e instituições renomadas de artes, a fim de constituir um acervo representativo. Através desse contato, a Biblioteca conseguiu atualizar as obras do acervo na tentativa de formar uma coleção bastante interdisciplinar, com títulos que trazem referências não só do campo da arte, mas também da filosofia, da educação e do campo político, todos os títulos com enfoque na negritude. Incluir livros de ciências sociais numa biblioteca de arte é entender que a arte também se constrói através do estudo de indivíduos e da sociedade. As discussões perpassam pelas questões de classe, raça e gênero.

“Até hoje os brancos falaram por nós. Temos que assumir a nossa própria voz. É aquele velho papo, temos que ser sujeitos do nosso próprio discurso, das nossas próprias práticas.”

Lélia Gonzalez

GONZALEZ, Lélia. **A cidadania e a questão étnica**. In: TEIXEIRA, João Gabriel Lima (Org.). *A construção da cidadania*. Brasília: UnB, 1986. p. 165.

**LIVROS DE ARTISTAS
E REFERÊNCIAS DE
CULTURA NEGRA**

ANGELOU, Maya. **A vida não me assusta**. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2018.

BARBOSA, Paulo Corrêa. **Lélia Gonzalez: o feminismo negro no palco da história (educativo)**. Brasília: Abrevídeo, 2015.

CARNEIRO, Sueli. **Lélia Gonzalez: o feminismo negro no palco da história**. Brasília: Abrevídeo, 2014.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARONE, Iracy; BENTO, Maria Aparecida Silva. **Psicologia social do racismo: estudos sobre a branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2017.

CARROZZO, Stella. **Rubem Valentim**. Salvador: Museu de Arte Moderna da Bahia, 2011.

CONDURU, Roberto. **Arte afro-brasileira**. Belo Horizonte: C/Arte, 2007.

CONDURU, Roberto. **Pérolas negras – primeiros fios: experiências artísticas e culturais nos fluxos entre África e Brasil**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.

FIRMO, Walter. **Firmo**. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2005.

FRANCO, Marielle. **UPP a redução da favela em três letras: uma análise da política de segurança pública do Estado do Rio de Janeiro**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

GILIOLI, Renato de Souza Porto. **Representações do negro no modernismo brasileiro**. Belo Horizonte: Editora Miguilim, 2016.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Editora 34; UCAM, 2012.

GOMES, Nilma Lino Gomes. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1982.

GONZALEZ, Lélia. **Festas populares no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Index, 1987.

GONZALEZ, Lélia. **Lélia Gonzalez: primavera para as rosas negras**. [s.l.]: Diáspora Africana, 2018.

GOUVÊA, Patrícia (Org.); LÖFGREN, Isabel (Org. e trad.). **Mãe preta**. São Paulo: Frida Projetos Culturais, 2018.

HENRIQUES, Joana Gorjão. **Racismo em português: o lado esquecido do colonialismo**. Rio de Janeiro: Tinta-da-China Brasil, 2017.

HILL, Marcos. **Mulatas e negras pintadas por brancas**. Belo Horizonte: C/Arte, 2017.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosas dos Tempos, 2018.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representações**. São Paulo: Elefante, 2019.

INSTITUTO TOMIE OHTAKE; MASP. **Publicação educativa: histórias afro-atlânticas**. São Paulo: IMS; MASP, 2018.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LA SILUETA. **Todo poder ao povo! Emory Douglas e os Panteras Negras**. São Paulo: Sesc, 2017.

LEENHARDT, Jacques. **Seydou Keïta**. São Paulo: IMS, 2018.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. **Rastros e raças de Louis Agassiz: fotografia, corpo e ciência, ontem e hoje**. [s.l.]: Capacete Entretenimentos, 2010.

MASP. **Histórias afro-atlânticas [vol.1] catálogo**. São Paulo: MASP; Instituto Tomie Ohtake, 2018.

MASP. **Histórias afro-atlânticas [vol. 2] Antologia.** São Paulo: MASP; Instituto Tomie Ohtake, 2018.

MASP. **Lucia Laguna: vizinhança.** São Paulo: MASP, 2018.

MASP. **Maria Auxiliadora: daily life, painting and resistance.** São Paulo: MASP, 2018.

MASP. **Melvin Edwards: fragmentos linchados.** São Paulo: MASP, 2018.

MASP. **Pedro Figari: nostalgias africanas.** São Paulo: MASP, 2018.

MASP. **Rubem Valentim: construções afro-atlânticas.** São Paulo: MASP, 2018.

MASP. **Sonia Gomes: a vida renasce / ainda me levanto.** São Paulo: MASP, 2018.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra.** São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte.** São Paulo: N-1 Edições, 2018.

M'BOKOLO, Elikia. **África negra: história e civilizações: tomo II.** Salvador: EdUFBA, 2011.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Beatriz Nascimento: quilombola e intelectual.** [s.l.]: Editora Filhos da África, 2018.

PEDROSA, Adriano. **Agostinho Batista de Freitas.** São Paulo: MASP, 2016.

PINACOTECA. **Rosana Paulino: a costura da memória = the sewing of memory.** São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2018.

PINACOTECA. **Territórios: artistas afrodescendentes no acervo da Pinacoteca = Territories: afro-descendant artists in the Pinacoteca's Collection.** São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2016.

RAMALHO, Cláudia. **Imagens para alguma paisagem.** Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

RATTS, Alex; RIOS, Flávia. **Lélia Gonzalez: retratos do Brasil negro.** São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RISÉRIO, Antonio. **A utopia brasileira e os movimentos negros.** São Paulo: Editora 34, 2012.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. **Mulheres negras do Brasil.** Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2007.

SILVA, Nelson Fernando Inocencio da. **Emanoel Araújo: o mestre das obras.** Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Garamond, 2010.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes.** Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2012.

TJABBES, Pieter (Curador). **Jean-Michel Basquiat: obras da Coleção Mugarbi.** São Paulo: Art Unlimited, 2018.

TOLEDO, Tomás (Org.). **Emanoel Araújo, a ancestralidade dos símbolos.** São Paulo: MASP, 2018.

“Na medida em que nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação. O risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados, que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa.”

Lélia Gonzalez

GONZALEZ, Lélia. *“Racismo e sexismo na cultura brasileira”*. Originalmente apresentado como palestra em 1980, publicado na revista **Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984.

COLABORADORES

Aline Besouro

É instrutora de Kundalini Yoga (3HO) e mestranda em Processos Artísticos Contemporâneos (PPGARTES/UERJ). Formada em História da Arte (UERJ), atua desde 2010 como figurinista em produções teatrais e cinematográficas. Em sua pesquisa, destaca-se o interesse em historiografia, na conexão com alguém e na possibilidade de narrar alguma coisa.

Aline Valentim

É referência em dança afro-brasileira e danças populares (maracatu, coco, ciranda, afoxé, jongo...) com vinte anos de experiência no grupo Rio Maracatu e há doze anos com a sua Cia Babalakina de Dança Afro. Aproximou-se dessas danças em busca de maior vínculo com expressões da cultura negra, à qual ela também leva uma carga política.

Ana Maria Felipe

É licenciada e especialista em Filosofia (UERJ e UFRJ); fundadora do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN-RJ); fundadora da Associação de Estudos e

Atividades Filosóficas (SEAF-RJ); autora de “Feminismo negro: mulheres negras e poder – um enfoque contra-hegemônico sobre gênero” (In: “O negro na sociedade contemporânea”, *Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, 2010) e *Valores do universo natural* (Editora PerSe, 2018; produção sob demanda).

Andréa Almeida

É artista com formação em História da Arte pela UERJ. Realizou o curso de curadoria pela Escola Sem Sítio no início de 2019 no Paço Imperial e decidiu se aprofundar mais na crítica da arte ingressando na EAV Parque Lage pelo curso de Formação e Deformação.

Beatriz Vieirah

É mulher negra, feminista, filha de Mainha e de Oxalá. Formada em Cinema e Audiovisual pela UFRB, adora escrever, filmar e pesquisar sobre mulheres negras no cinema e nas artes.

Elizabeth Viana

É funcionária pública, socióloga e mestre em História Comparada (IFCS/UFRJ). Ativista do

movimento de mulheres negras e do movimento negro.

Fabiana Santos

É artista visual, graduada em Sociologia e Política (PUC-Rio) e mestre em Linguagens Visuais (EBA/UFRJ). Também trabalha com curadoria, aulas e oficinas, cuida de acervos artísticos e organiza livros de arte.

Georgia Grube Marciniak

É psicóloga, especialista em Gênero e Sexualidade (IMS/UERJ), mestra em Psicologia Social (PPGPS/UERJ) e doutoranda em Psicologia Social (UERJ). É integrante e pesquisadora do Núcleo de Pesquisa e Desconstrução de Gêneros (DEGENERA) e coordena o Gêbra – Grupo de Estudos sobre Branquitude. Tem como temática de pesquisa a branquitude nos movimentos feministas, e seus temas de interesse são: branquitude; feminismos não-hegemônicos; relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade; processos de racialização e subjetivação de pessoas brancas.

Glau Tavares

É residente da festa Velcro e Batekoo RJ. Tem seu som baseado no hip-hop e no funk carioca. Identifica seu som como “global bass das periferias”, passando por diversas vertentes da música negra em diáspora, sem deixar suas influências originais de lado.

Juliana Machado

É formada em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação pela UFRJ. Trabalha como bibliotecária na EAV desde 2015.

Keyna Eleison

É curadora. Trabalha com pesquisa, fomento e desenvolvimento em arte e cultura, orientação de processos artísticos, curadoria de exposições e ensino em Arte. Atualmente, é curadora da 10ª Bienal SIART da Bolívia, cronista da revista *Contemporary&* e professora do Programa Gratuito de Ensino da Escola de Artes Visuais do Parque Lage.

max willà morais

É pessoa graduada em Artes Visuais/UERJ (2016) e com especialização em Educação

das Relações Étnico-Raciais (Ererebá, 2019-2020). Participou recentemente da Residência Despina (2019) com Daniel Santiso; e publicou, com sua tia Gracilene Guarani, o texto “Capítulo 1”, da série de anotações para um livro, na coletânea *Narrativas da experiência negra* (org. Maria Gilda, 2019). É colaboradora do Instituto Maria e João Aleixo em Pesquisa, Educação e Culturas em Periferias (2018-2019). Em 2018, realizou com Daniel Santiso *A poeira não quer sair do Esqueleto*, documentário experimental exibido no Brasil, Uruguai, Sibéria, Emirados Árabes e Índia, entre outros países. Seus trabalhos investigam histórias em acervos públicos, situações geográficas e relações materiais/imateriais com pessoas e objetos.

Maya Inbar

É educadora, artista visual, ativista, amante do corpo integral, e busca cada vez mais contracolonizar seu estar no mundo. Sua prática artística tem se voltado à micropolítica das relações e às interseções entre gênero, intimidade e economia.

Como docente de arte, busca enfatizar as relações étnico-raciais e a importância da escuta. Principais exposições: NPA Bienal de Estudantes (Itália), After Cinema (Israel), The State of Origin (Canadá) e Boom Bang II (Inglaterra). Possui formação em Desenho Industrial, Artes Visuais e Educação, e cursou o mestrado (MFA) em Artes Visuais na Goldsmiths College, Londres.

Millena Lízia

É uma pessoa vivendo este mundo em busca de uma caminhada com dignidade e saúdes. Busca as simplicidades, pois as coisas mais banais lhe chegam com camadas de desafios e complexidades. É artista contemporânea-ancestral, que assim vem se organizando desde as agitações diaspóricas das experiências pictóricas-epidérmicas vividas – apenas mais uma forma possível de apresentação.

Obirin Odara

É bacharel em Serviço Social, mestranda em Política Social pela Universidade de Brasília e coordenadora do Grupo de Estudos sobre Branquitude –

GeBra. Na graduação, iniciou o estudo sobre o lugar do branco nas relações raciais no Brasil a fim de disputar a narrativa marxista sobre a desigualdade social e a conformação das estruturas que constituem a sociedade brasileira. No mestrado, preocupou-se em elucidar o Estado enquanto ente de extrema relevância na produção e reprodução dos pressupostos coloniais. Para isso, lança mão do conceito dispositivo de colonialidade, por ela cunhado, de tal modo que este dê subsídios para se pensar a relação entre branquitude e o Estado brasileiro na produção de morte e vida da população negra.

Raquel Barreto

É historiadora e pesquisadora, especialista na obra das autoras Angela Y. Davis (1944) e Lélia Gonzalez (1935-1994). Possui artigos publicados em revistas de circulação nacional como *a Revista Cult* e o *Suplemento Literário de Pernambuco*. Desenvolve uma pesquisa a respeito do Partido dos Panteras Negras e as relações entre visualidade, política e poder.

Roberta Aleixo

É mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UERJ. Realiza pesquisa sobre as relações e contribuições entre artistas contemporâneos e o pensamento da historiadora Beatriz Nascimento.

Rubia Luíza da Silva

É formada em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação pela UFRJ. Uma pessoa que ama organização e gestão da informação, é bibliotecária desde 2014 na EAV e, por amar se comunicar e acreditar na troca através de conversas como desenvolvimento do ser, também faz parte da equipe de Visitas Guiadas do Parque Lage.

Susan Soares

É artista multidisciplinar e atualmente tem como objeto de pesquisa o fluxo cocriativo na busca da conexão do “eu” em meio às imposições da sociedade.

Tanja Baudoin

Trabalha como curadora residente na Biblioteca da EAV Parque Lage.

Vive no Rio de Janeiro desde 2015, quando participou do programa do CAPACETE.

Ulisses Carrilho

É curador da Escola de Artes Visuais do Parque Lage e ex-aluno da mesma escola. Pós-graduado em Economia da Cultura (UFRGS), estudou Comunicação Social (PUCRS) e Letras – Português/Francês (UFRGS). Como aluno da Escola, ganhou bolsa-residência para desenvolvimento de projeto no Lugar a Dudas (Cali, Colômbia), onde realizou a mostra *Aquí mis crímenes no serían de amor*. Desde 2015, trabalha na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, com Lisette Lagnado, como assistente de direção e curador assistente. Em 2018, assumiu a curadoria de Ensino e Programa Público da escola.

Yhuri Cruz

É artista visual e escritor, graduado em Ciência Política, Rio de Janeiro. Desenvolve sua prática artística a partir de configurações poéticas entre o fantasmagórico e o real, buscando dar conta do que denomina memórias subterrâneas e da necropolítica como plano

neocolonial. Tomando essas memórias como assombrações, sua produção escultórica recente se materializa numa fusão de pedras e gravuras.

Outras pesquisas de caráter mais instalativo tendem a se relacionar com monumentos, presenças afrodiaspóricas, memoriais e informações silenciadas.

Zeze Motta

É atriz, cantora, ativista, com cinquenta anos de carreira. São 14 discos, 35 novelas e mais de 40 filmes. Conhecida internacionalmente por sua voz e atuação, mas também por sua história de luta contra o racismo, Zezé é ícone negro da cultura brasileira. Participou de filmes como *Vai trabalhar, vagabundo*; *Ouro sangrento*; *Anjos da noite*; *Tieta do Agreste*; *Orfeu*; e *Xica da Silva* (1976), que a consagrou internacionalmente, e novelas como a recente *O outro lado do paraíso*. Era aluna do curso “Cultura negra”, de Lélia Gonzalez, na EAV Parque Lage.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
Wilson Witzel

VICE-GOVERNADOR
Cláudio Castro

SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DO RIO DE JANEIRO
Ruan Lira

ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

DIRETOR-PRESIDENTE
Fabio Szwarcwald

CURADOR
Ulisses Carrilho

COORDENADORA DE ENSINO
Gleyce Kelly Heitor

COMISSÃO DE ENSINO
Camilla Rocha Campos
Charles Watson
Clarissa Diniz
Marcelo Campos Prili

GERENTE ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA
Celina Martins

GERENTE DE PATRIMÔNIO
Fabio Augusto Lopes

GERENTE DE EVENTOS
Naldo Turl

COORDENADORA DE PESQUISA DA BIBLIOTECA
Tanja Baudoin

COORDENADORA DE PROGRAMAÇÃO VISUAL
Amanda Lianza

COORDENADOR DA ÁREA INTERNACIONAL
Giacomo Pirazzoli

COORDENADORA DO PROGRAMA AMIGO EAV
Fernanda Sattamini

SUPERVISORA DE ENSINO DO PARQUINHO LAGE
Natália Nichols

SUPERVISORA DE ENSINO DO PARQUINHO LAGE
Luana Vieira Gonçalves

SUPERVISOR FINANCEIRO CONTÁBIL
Hércules da Costa Souza

SUPERVISOR DE SERVIÇOS GERAIS
Homero Gomes

BIBLIOTECÁRIA
Rubia Luiza da Silva

BIBLIOTECÁRIA AUXILIAR
Juliana Machado

PRODUTORES
Julia Baker
Renan Lima

DESIGNER
Janna Brilyantova

COMUNICADORA DIGITAL
Taís Barcia

ASSESSORIA DE IMPRENSA
Mônica Villela

ANALISTA DE PLANEJAMENTO FINANCEIRO
Leiliane Silva

ANALISTA FINANCEIRA
Camila Oliveira

ANALISTAS DE SUPORTE DE TI
Cristian Pala
Mateus Coutinho

ASSISTENTE DE ENSINO DO PARQUINHO LAGE
Ismael Silva

ASSISTENTE DE ENSINO
Carmen da Costa Souza

SECRETÁRIAS DE ENSINO
Cristian Mercado
Carolina Azeredo
Katia Rosendo

ASSISTENTES DE SERVIÇOS GERAIS
Antonio Alan Souza
Paulo do Carmo
Paulo Nemias
Ryan Barboza
José Carlos Silva Teixeira

ESCRITÓRIO DE NEGÓCIOS
Ártemis

APOIOS
ArtRio
MAM Rio
MAM SP
Museu do Amanhã
Pinacoteca
SP-Arte
Galeria Nara Roesler
Atlantis Fine Arts

AMEAV – ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DA ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

PRESIDENTE
Marcelo Viveiros de Moura

VICE-PRESIDENTE
George Kornis

CONSELHEIROS
Alvaro Piquet
Eugenio Pacelli
Gustavo Martins
Nelson Eizirik

PUBLICAÇÃO

ORGANIZADORES
Juliana Machado
Rubia Luiza da Silva
Tanja Baudoin
Ulisses Carrilho

TEXTOS
Juliana Machado
Raquel Barreto
Roberta Aleixo
Rubia Luiza da Silva
Tanja Baudoin
Zezé Motta

CITAÇÕES
Ana Maria Felipe
Elizabeth Viana
Fabiana Santos
Lélia Gonzalez

COORDENADORA DE DESIGN
Amanda Lianza

DESIGNER
Nathalia Lepsch

IMAGEM DA CAPA
Montagem feita com
desenho de Aline
Besouro e retrato de
Lélia Gonzalez por
Januário Garcia

REVISORA
Duda Costa

H828 Hospedando Lélia Gonzalez (1935-1994): projeto de pesquisa da Biblioteca
Centro de Documentação e Pesquisa da EAV Parque Lage/ Juliana Machado
et al.— Rio de Janeiro: AMEAV, 2019.
128 p.: il. color.

Prefixo editorial: 455105.
ISBN:978-85-455105-3-6

1. Cultura Negra. 2. Movimento Negro - Brasil. 3. Gonzalez, Lélia, 1935-1994.
4. EAV Parque Lage. I. Machado, Juliana. II. Silva, Rubia Luiza da.
III. Baudoin, Tanja. IV. Carrilho, Ulisses. V. Título.

CDD 305.896081
CDU 316:7

Bibliotecária Jéssica Fernanda dos S. L. Ramos - CRB 7 / 6965

Livreto composto em Gotham
HTF e Recoleta sobre o Projeto
“Hospedando Lélia Gonzalez”,
realizado na Escola de Artes
Visuais do Parque Lage,
entre março e julho de 2019.

Impresso pela Stilgraf, em papel
certificado, Rio de Janeiro, 2019.
MATERIAL RECICLÁVEL.

Capa: Offset 180g/m2
Miolo: Papel offset 70g/m2
Tiragem: 1.500 unidades

“Gostaríamos de chamar atenção para a maneira como a mulher negra é praticamente excluída dos textos e do discurso do movimento feminino em nosso país... As categorias utilizadas são exatamente aquelas que neutralizam o problema da discriminação racial.”

Lélia Gonzalez

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982. p. 40. (Coleção 2 Pontos).



REALIZAÇÃO



ESCOLA DE ARTES VISUAIS
DO PARQUE LAGE

AMEAV



Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

APOIO CULTURAL



PATROCÍNIO



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL